



Gênero fora da caixa

Guia prático para
educadores
e educadoras

Projeto Juventude,
Gênero e Espaço Público
2011



INSTITUTO
SOU DA PAZ





**INSTITUTO
SOU DA PAZ**

Rua Luis Murat, 260
Cep: 05436-040
São Paulo - SP
Tel: 11 3812.1333
www.soudapaz.org
@isoudapaz

DIRETORIA

Denis Mizne
Luciana Guimarães
Melina Risso

COORDENADORA DE SISTEMATIZAÇÃO, INFORMAÇÃO E REFERÊNCIA

Lígia Rechenberg

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

Daniela Caldeirinha

PROJETO JUVENTUDE, GÊNERO E ESPAÇO PÚBLICO

Coordenador: Gabriel Di Pierro
Assistente: Marília Ortiz

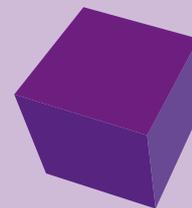
GÊNERO FORA DA CAIXA

Elaboração do Manual: Gabriel Di Pierro e Marília Ortiz
Revisão: Daniela Caldeirinha, Lígia Rechenberg, Mônica Zagallo e Vânia Regina Fontanesi
Fotos: Andréa Lynch, Gabriel Di Pierro, Marília Ortiz e Reginaldo Lima
Projeto gráfico e diagramação: Janaina Siqueira

1ª Edição / 2011



Este guia é produto do Projeto Juventude, Gênero e Espaço Público – 3ª edição, implementado pelo Instituto Sou da Paz e financiado pela EM Power.



Marco conceitual

- Ficha conceitual 01:** Identidades e modelos de gênero
- Ficha conceitual 02:** Diversidade, sexualidade e violência
- Ficha conceitual 03:** A violência “masculina”
- Ficha conceitual 04:** Violência contra a mulher
- Ficha conceitual 05:** Direitos da mulher

Preparando as atividades: recomendações para o/a educador/a

- Atividade 01:** Os modelos que eu vejo
- Atividade 02:** Dinâmica do concordo e discordo
- Atividade 03:** Mural interativo: tem gente de todo o tipo
- Atividade 04:** Fazendo cena e invertendo os papéis
- Atividade 05:** Homens e mulheres na mídia: questionando referências
- Atividade 06:** Estênceis pela igualdade de gênero
- Atividade 07:** Machismo e violência
- Atividade 08:** Mudando o rumo da história: outras formas de resolver os conflitos
- Atividade 09:** Qual é a sua? Elaborando um fanzine pelo respeito à diversidade de gênero
- Atividade 10:** Fotonovelas sobre maternidade e paternidade na adolescência



Atividades

- > *Sites* recomendados
- > Materiais audiovisuais
- > Vídeos educativos
- > Manuais educativos recomendados
- > Referências de textos que abordam as temáticas do Guia



Referências



Apresentação

O Instituto Sou da Paz é uma Oscip – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – que, há mais de dez anos, busca contribuir para a efetivação de políticas públicas de segurança e prevenção da violência pautadas pelos valores da democracia, da justiça social e dos direitos humanos.

A juventude é um dos focos de atuação do Instituto Sou da Paz, uma vez que constitui o público mais vulnerável à dinâmica da violência. Os projetos desenvolvidos pela área de Adolescência e Juventude do Instituto Sou da Paz atuam para promover a ocupação democrática dos espaços públicos, estimular a resolução pacífica dos conflitos e engajar jovens lideranças na transformação de suas comunidades.

Entre 2003 e 2005, o Instituto Sou da Paz implementou o projeto Polos da Paz para revitalizar duas praças públicas da cidade de São Paulo (nos distritos Campo Limpo e Jardim Ângela), apostando no potencial transformador da comunidade, especialmente dos jovens.

Durante a execução do projeto, observou-se que o envolvimento de jovens mulheres nas atividades era menor do que o dos homens. Buscando compreender as razões que limitavam a participação feminina nos espaços públicos e de lazer, o projeto Juventude, Gênero e Espaço Público foi idealizado e, em 2007, realizou-se um diagnóstico com jovens homens e mulheres, moradores/as da região das praças revitalizadas pelo Polos da Paz. A pesquisa demonstrou diversos fatores que afastam as mulheres dos espaços públicos, tais como preconceito da comunidade em relação às mulheres que “ficam na rua”, responsabilidades pelas tarefas domésticas e de cuidado com a família delegadas às mulheres, ocupação dos espaços (principalmente quadras) mediada pela força, entre outros. Após esse levantamento, o projeto realizou oficinas com jovens dos distritos estudados, empregando diferentes linguagens artísticas para estimular a reflexão sobre as questões de gênero e a ampliação da participação feminina nas comunidades.

A partir dos resultados observados, uma segunda edição do projeto Juventude, Gênero e Espaço Público foi realizada em 2008 para sensibilizar gestores/as públicos/as e de organizações não-governamentais que atuassem na promoção de atividades culturais e esportivas para jovens em espaços públicos. Com o objetivo de estimular a ocupação democrática e igualitária e contribuir para o aumento da participação feminina nos espaços públicos, cerca de 40 gestores passaram por um ciclo de formação.

A terceira edição do projeto, realizada entre 2009 e 2010, atuou diretamente em duas instituições – a EMEF Pe. José Pegoraro, no Grajaú, e o Centro de Juventude Helena Portugal Albuquerque, no Jaçanã –, realizando diversas ações em parceria com os/as profissionais e a comunidade do entorno para promover a igualdade de gênero e a convivência democrática entre jovens. Dessa forma, os/as profissionais receberam formações e suporte técnico para desenvolver práticas pedagógicas que trabalhassem conteúdos de gênero com os/as alunos/as.

Com o apoio do projeto Juventude, Gênero e Espaço Público – 3ª edição, foram realizadas, nas duas regiões, diversas ações em parceria com a comunidade e lideranças locais, como eventos esportivos e culturais para estimular a participação de jovens mulheres, intervenções artísticas de grupos juvenis da zona sul sobre a temática de gênero e a formação de uma rede com diversas organizações para melhorar o atendimento à mulher vítima de violência na zona norte. Também ocorreram oficinas de comunicação e gênero com jovens homens e mulheres para que desenvolvessem campanhas de comunicação social pela equidade de gênero, utilizando veículos alternativos como jornal mural, fanzine e estêncil.

Para orientar os/as profissionais das instituições, sensibilizar a comunidade e estimular a reflexão dos/as jovens sobre a temática de gênero, a equipe do projeto Juventude, Gênero e Espaço Público pesquisou uma série de materiais e referências com o intuito de elaborar atividades que dialogassem com o interesse

dos/as jovens. Foi realizado um conjunto de oficinas, buscando promover a convivência pacífica e a valorização da diversidade, contribuir para a reflexão crítica sobre os modelos de feminilidade e masculinidade, estimular a não violência entre jovens, principalmente do sexo masculino e valorizar a participação feminina. Por meio das oficinas, os/as jovens refletiram sobre a temática de gênero a partir de suas vivências.

Este Guia para educadores e educadoras foi elaborado com base nos resultados alcançados e na experiência acumulada ao longo da 3ª edição do projeto Juventude, Gênero e Espaço Público. Além do passo-a-passo de como replicar as oficinas, o Guia conta com textos de apoio sobre os temas relacionados à interface gênero e violência, que são abordados pelas atividades e referências de sites, vídeos e textos complementares para consulta.

Certos de que os valores democráticos são referências importantes para a construção de formas de convivência pacífica, não temos dúvida de que a perspectiva de gênero deve ser incorporada no trabalho com jovens para encorajá-los a “saírem das caixas”. Apostamos nas instituições que atendem este público, acreditando em seu grande potencial para impulsionar transformações culturais.

Assim, esperamos que a utilização deste Guia contribua para que os/as educadores/as incorporem a perspectiva de gênero no seu trabalho junto aos/as jovens, fomentando a construção de relações mais equânimes e, desse modo, de uma sociedade mais justa e pacífica.

Boa leitura!



Como utilizar este material

O Guia está organizado em três partes.

Nesta seção, há textos breves que introduzem conceitos importantes para subsidiar algumas reflexões junto aos/as jovens. Eles estão organizados segundo os seguintes enfoques: identidades e modelos de gênero; diversidade, sexualidade e violência; a violência “masculina”; violência contra a mulher; e direitos da mulher.

O ideal é que o/a educador/a leia todos os textos conceituais antes de aplicar qualquer uma das oficinas educativas, bem como busque se aprofundar nas questões que geraram dúvidas, consultando outras referências bibliográficas indicadas ao final deste Guia.



Marco conceitual

Na segunda parte há recomendações sobre como preparar e realizar as oficinas. Além do passo-a-passo de como fazer cada atividade, o Guia traz dicas e relatos considerando a experiência da equipe que elaborou este material.

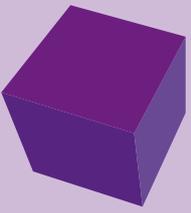


Atividades

A última parte traz uma série de indicações de sites, vídeos e referências bibliográficas sobre os temas deste Guia, que podem tanto auxiliar o/a educador/a a se preparar para as oficinas, quanto servir como materiais complementares para a realização de novas atividades para os/as alunos/as.



Referências



Ficha conceitual

Identities e modelos de gênero

1

O que é ser homem e o que é ser mulher? Para tentar responder essa questão, talvez seja necessário considerar que não existe, quando falamos em identidades, uma forma de ser que seja correta ou definitiva. As pessoas estão em constante transformação, variando seus interesses e desejos, reorganizando seus projetos, alterando práticas cotidianas e a forma como se percebem e como veem os outros. As identidades coletivas (de grupos, sociedades) e individuais vão sofrendo a influência das experiências de vida, modelos, regras e discursos que nos atravessam, produzindo novos significados e sentidos para as várias dimensões das nossas vidas – profissional, familiar, amorosa, etc.

Durante muito tempo prevaleceu, na maior parte das sociedades, a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres eram naturais e definidas por diferenças dos corpos biológicos. As mulheres teriam nascido com uma aptidão maior para o cuidado com o lar e os filhos, enquanto os homens tinham maior facilidade para trabalhar fora, fazer maior esforço físico e assumir cargos de chefia, entre muitas outras concepções que marcaram as distinções entre os sexos. Esse mesmo discurso era, notadamente, utilizado para justificar a subordinação feminina e as relações desiguais entre homens e mulheres.

Quando o feminismo ganhou fôlego, após a segunda metade do século XX, algumas pesquisadoras propuseram substituir a noção de “diferenças entre sexos” por “diferenças entre gêneros”, como forma de mostrar que a cultura, por meio de valores, práticas e discursos, influencia a construção do ser homem e ser mulher. O conceito de gênero procura evidenciar que esses modelos são aprendidos ao longo da vida e se alteram ao longo do tempo, em diferentes contextos históricos e sociais. É, por exemplo, muito diferente ser uma mulher no Brasil ou no Afeganistão, assim como ser uma mulher em 1930 ou em 2010.

Os espaços de socialização, sejam institucionais ou informais, oferecem, a todo tempo, modelos que passam a ser incorporados desde a infância. Um exemplo disso são as famílias, quando definem os brinquedos “de menino” – como a bola e a espada – e os “de menina” – como a boneca, o fogãozinho e jogo de panelas. O mesmo vale para as roupas, os móveis e as cores de um quarto e tantas outras escolhas que evidenciam uma determinada forma de olhar para a criança. Outro espaço de convívio importante na nossa formação é a escola, onde os professores expressam e afirmam, na sua ação pedagógica, valores, ideias e comportamentos que consideram adequados para cada sexo.

À medida que nosso universo de relações vai se ampliando, torna-se importante também a influência dos amigos e de tudo aquilo que vamos percebendo como expectativas sociais e as possibilidades de sermos reconhecidos socialmente. Isso vai dando indicações de como devemos lidar com as emoções, como devemos nos comportar sexualmente, fazer escolhas profissionais, etc.

Quando se pensa a construção de identidades na sociedade moderna, não devemos subestimar o poder que os padrões de consumo e a cultura de massas exercem sobre as pessoas e, de forma muito especial, os/as jovens. Vídeos, revistas, páginas da web, programas de televisão, propagandas e produtos por elas oferecidos são alguns dos elementos que exercem grande influência nos comportamentos, na formação dos gostos, padrões estéticos e outras formas de viver e expressar identidades. Certamente, neles estão presentes modelos de gênero que são mais ou menos valorizados. Um padrão em filmes de ação é mostrar homens fortes e guerreiros, que usam armas e conquistam belas mulheres, ao mesmo tempo em que revistas trazem seções e mais seções que ensinam as mulheres a cuidar do corpo para serem mais desejáveis e “femininas”.

É importante ressaltar que esses padrões variam muito de um grupo social para outro. Entre os recortes mais importantes, que produzem diferenças significativas, estão os de classe social, região geográfica e étnico-racial. Portanto, algo que pode ser valorizado em determinado contexto pode variar consideravelmente quando deslocamos o olhar para outro espaço ou conjunto de pessoas. Um exemplo é a expectativa maior nas classes mais ricas de que o jovem adie

sua entrada no mercado de trabalho e a gravidez, enquanto nas classes baixas o jovem é estimulado a trabalhar e a adolescente grávida é vista de modo mais natural.

Além disso, é possível se relacionar com os modelos de formas bastante variáveis, não apenas aceitando-os como referências prontas. Somos capazes de perceber as informações que chegam a nós de forma crítica e, assim, adequar os modelos ao que acreditamos ser melhor para nós e nosso meio. Somos também produtores e disseminadores de novas formas de viver a feminilidade e a masculinidade. Por conta disso, é fundamental que educadores que atuam com jovens os auxiliem para que possam fazer uma leitura crítica a respeito dos modelos de gênero e daquilo que é valorizado e legitimado através deles.

O questionamento de certas barreiras que foram historicamente erguidas é inevitável quando pensamos numa sociedade mais democrática e menos desigual. Por que o homem agressivo, dominador, que por vezes coloca em risco sua saúde e integridade física é ainda tão valorizado? Por que tantos homens deixam de ver a paternidade como uma forma importante e saudável de realização da sua masculinidade? Por que a mulher valorizada é aquela que possui o corpo considerado "desejável" pelos homens? Qual a possibilidade de ser aceita quando decide viver de forma autônoma, quando expressa interesse de viver sua sexualidade sem ser estigmatizada? Por que ainda se encontram justificativas para legitimar a violência contra a mulher ou para sustentar o preconceito contra homossexuais?

Quando as identidades estão aprisionadas por modelos rígidos e ao mesmo tempo tão arraigados, tão comuns, que nem sequer nossa adesão a eles é percebida, nossa capacidade de escolher e transformar a realidade é consideravelmente reduzida. Por outro lado, à medida que nos damos conta desses modelos e compreendemos que eles são frutos de construções culturais, passamos a ser capazes de escolher e atuar como produtores, promovendo a transformação de valores culturais e tendo maior poder de realização dos nossos desejos, interesses e projetos pessoais e coletivos.



Quando falamos sobre as relações de gênero, estamos também falando sobre diversidade e a forma como as pessoas lidam com ela e resolvem seus conflitos, que são inerentes ao convívio entre diferentes. Ao se trabalhar com jovens meninos ou meninas, é evidente que aspectos como raça, etnia, classe social e orientação sexual influem na sua qualidade de vida e no modo como se socializam. A diversidade é um aspecto fundamental da vida moderna, de uma forma de sociabilidade baseada em valores democráticos, na prática do diálogo e da tolerância.

Embora não seja verdadeiro dizer que as diferenças produzem desigualdades, é certo que todas as formas de desigualdade encontram sua origem nas diferenças entre as pessoas, ricos e pobres, brancos e negros, homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, etc. Há, portanto, formas de ser que ocupam lugar privilegiado em comparação a outras; existe sempre uma relação de poder operando as relações sociais. Ao mesmo tempo, há muitas manifestações de intolerância, práticas sistemáticas de violência contra o próximo, que buscam colocar o outro numa situação de inferioridade, em geral para legitimar ou reafirmar uma determinada identidade, posição ou característica de indivíduos e grupos.

Os homossexuais são um grupo social especialmente afetado pela violência e práticas discriminatórias. Em escolas públicas, 87% da comunidade – sejam alunos, pais, professores ou servidores – tem algum grau de preconceito contra homossexuais, como revelou uma pesquisa realizada em 2009 pela FEA/USP. A homofobia deixa evidente como os modelos de gênero operam nas relações interpessoais, apresentando de forma bastante clara qual a expectativa social em relação à sexualidade dos indivíduos, apesar de todas as conquistas dos movimentos pela afirmação da diversidade sexual.

A *heteronormatividade* é uma forma de regulação social da sexualidade, que valoriza a relação entre pessoas de sexos opostos (heterossexual) em detrimento de todas as outras maneiras de se relacionar sexualmente. A todo tempo e das formas mais variadas, o homem é pressionado a reafirmar seu papel como sujeito sexualmente e socialmente ativo, em oposição à passividade, que indicaria o lugar do homossexual. Dentro dessa visão, a homossexualidade representa a perda da honra masculina e, conseqüentemente, de todo o status a ela associado. Por outro lado, a mulher é incitada a ocupar um lugar de inferioridade, em que seu valor está na possibilidade de o seu corpo ser objeto do desejo masculino, como acontece, por exemplo, em muitas das músicas de *funk*.

Não é incomum que educadores descubram dentro de uma sala de aula ou oficina uma situação de conflito desencadeada porque a menina é “masculina demais” ou o menino é considerado “delicado”. Acuados, alguns desses adolescentes e jovens passam a se comportar também de forma agressiva, como meio de “sobreviver” às ofensivas dos colegas ou como expressão de um conflito entre as necessidades e interesses pessoais e as exigências coletivas. E alguns educadores encontrarão dificuldade em agir, seja no sentido de prevenir, seja para intervir no problema.

Nesse caso, sua tarefa é discutir com o grupo a importância do respeito ao diferente, esclarecer mitos e preconceitos e desenvolver práticas de exploração e afirmação da diversidade. Ao contrário do que se pode pensar, a orientação sexual não é uma simples escolha da pessoa, mas algo muito mais complexo. Na verdade, o desejo é algo sobre o que se tem pouco controle, faz parte de um processo de descoberta e não necessariamente se mantém igual a vida toda. No entanto, há muita cobrança para que a pessoa se “posicione” o mais cedo possível, dando demonstrações de ser homem ou mulher “de verdade”. Quando trabalhamos numa perspectiva de gênero, não existe uma única e natural forma de ser homem e ser mulher, mas sim as mais variadas possibilidades de feminilidades e masculinidades. Valorizar essas diferenças contribui para que os jovens possam ser mais autônomos e felizes com suas escolhas e também mais bem recebidos pelo grupo, inclusive quando escolhem se relacionar sexual e afetivamente com parceiros/as do mesmo sexo.

Preservar e promover a diversidade é um desafio fundamental para que possamos conviver socialmente de uma forma saudável e pacífica. Processos de globalização e as novas tecnologias da comunicação e informação proporcionam ao mundo condições inéditas para intensificar o contato entre diferentes culturas e entre as pessoas, de um modo geral. Essas novas estruturas sociais, contudo, não oferecem habilidades de convívio, que devem ser cultivadas por meio de ações educativas, dando visibilidade aos que não estão investidos de poder, desconstruindo modelos mais aceitos e criando novas formas de viver e fazer a diferença.

A tolerância não deve se apresentar apenas na forma passiva de aceitar o outro, como um peso, mas acima de tudo na ação de conhecer novas pessoas, valorizar outros jeitos e escolhas, circular na cidade e em espaços públicos e praticar o respeito convivendo de forma amigável, afirmando a possibilidade de coexistir com o outro e resolver conflitos por meio do diálogo.



Dica

Conheça o vídeo da campanha contra a homofobia em Portugal:

<<http://www.youtube.com/watch?v=fjI0eJa75S0>>

Ficha conceitual

A violência “masculina”



A violência é um fenômeno complexo que se manifesta de diversas maneiras e possui vários fatores e causas, sendo mais frequente em áreas urbanas, principalmente nas periferias das grandes cidades. Nos espaços públicos, os homens jovens são os maiores autores e também as principais vítimas de violência – sobretudo violência letal –, enquanto em espaços privados são as mulheres as mais afetadas, geralmente agredidas por seus parceiros.

Segundo o *Mapa da violência 2010 – Anatomia dos homicídios no Brasil*, dos 47.707 homicídios registrados em 2007, 17.475 correspondiam a jovens (15 a 24 anos) e, desses, 16.408 (ou 93,9%) eram do sexo masculino, sendo 11.905 negros. Esta mesma pesquisa mostrou que, entre 1997 e 2007, 41.532 mulheres foram vítimas de homicídios no Brasil, na enorme maioria das vezes praticados por seus parceiros íntimos. Os homens também representavam 93,4% (442.225) do total de presos (473.626), em 2009, segundo dados do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (Infopen) do Ministério da Justiça.

Como podemos compreender a participação de homens em situações violentas? Observando essas informações, seríamos levados a acreditar que os homens são naturalmente mais agressivos do que as mulheres. Contudo, isso não é verdade. Quase a totalidade dos pesquisadores sobre violência afirma que os aspectos biológicos têm pouca ou nenhuma influência sobre o comportamento masculino violento. As raízes deste problema são culturais e sociais.

As características que atribuímos aos homens foram construídas socialmente ao longo da história, estando, portanto, em constante transformação. Os homens que conhecemos foram socializados, educados, de acordo com uma determinada visão de mundo, por isso muitas vezes reproduzem comportamentos, posturas e discursos que refletem, em boa medida, essa aprendizagem. Aquilo que hoje chamamos de postura agressiva está associada a formas de viver a masculinidade que foram legitimadas e também exigidas socialmente – pelo núcleo familiar, pela escola, pelos colegas ou outras pessoas e grupos sociais com os quais esse homem convive e conviveu.

Em nossa sociedade, o status associado à masculinidade ainda está vinculado a uma visão que nos acostumamos a chamar de machista. Ela atribui ao homem um papel de liderança e domínio, supervalorizando algumas características, tais como força, coragem, capacidade de prover a casa e, no campo da sexualidade, a conquista de mulheres, grande apetite e potência sexual e a heterossexualidade como condição fundamental. Por outro lado, características de cuidado e a expressão de emoções são consideradas “femininas” e, portanto, distantes do modelo de masculinidade mais aceito. Isso fica evidente tanto no cotidiano do seu bairro ou do trabalho quanto na imagem que é vinculada pela mídia, nos programas de TV ou nas fotos de revistas. Sabendo que toda pessoa, especialmente na sua juventude, busca sentir-se valorizada em seu meio social e, muitas vezes, não economiza maneiras de alcançar essa situação de visibilidade, podemos compreender melhor como essa forma de masculinidade é construída e reafirmada diariamente.

Essa noção de “honra masculina” e a necessidade de dar, a todo tempo, demonstrações de coragem aproximam o homem de situações de risco e o levam à resolução violenta de conflitos. Mas o modelo do homem violento não é, certamente, a única expressão de masculinidade. As transformações nos padrões de gênero que vêm ocorrendo ao longo dos últimos anos são evidentes. Existem cada vez mais homens assumindo atividades domésticas, maiores responsabilidades em relação aos filhos e ações de cuidado em geral, em áreas profissionais tradicionalmente vinculadas às mulheres. Ao mesmo tempo, encontramos jovens que desenvolvem atividades educativas e culturais que questionam os modelos ditos machistas, que assumem comportamentos e estéticas diferentes, buscando outras formas de se sentir valorizados que não por meio da ostentação de armas, carros, motos, dinheiro, mulheres ou atributos físicos.

Uma importante estratégia para valorizar formas alternativas de masculinidade é a Campanha do Laço Branco. Criada há 20 anos no Canadá, essa campanha tem sido implementada em vários países, com o objetivo de engajar homens pelo fim da violência contra a mulher.



3

Tendo por símbolo o laço branco, a campanha estimula a organização masculina em torno do problema por meio das mais variadas ações (distribuição de material informativo, atos, oficinas eventos, entre outros) e da sua articulação em redes locais, nacionais e internacionais e com o movimento feminista.

Nos últimos anos, tem também crescido bastante o número de estudos e iniciativas que buscam compreender melhor os modelos de masculinidade e intervir no sentido de contribuir para que os homens vivam de forma mais saudável, assumindo papéis de cuidador e reduzindo as desigualdades de gênero e as situações de violência. Espera-se, assim, que cada vez mais existam jovens homens resolvendo seus conflitos por meio do diálogo e não da força, aceitando e valorizando a diversidade e multiplicando novas formas de masculinidades, livres das imposições



Dica

Conheça o site da campanha do Laço Branco:

<<http://www.lacobranco.org.br/>>

Conheça a campanha "Reacciona Ecuador": El machismo es violencia

<http://www.youtube.com/results?search_query=reacciona+ecuador>

Ficha conceitual

Violência contra a mulher



O emprego da violência contra as mulheres é um fenômeno de grande amplitude, a considerar o número de vítimas no Brasil e no mundo. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) indicam que uma em cada três mulheres na América Latina já sofreu algum tipo de violência. No Brasil, há estimativas de que 2 milhões de mulheres são vitimadas a cada ano, o que resultaria em um caso a cada 15 segundos (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2004).

As situações de violência contra a mulher são bastante variadas, mas sabemos que em cerca de 70% dos casos o agressor é o seu parceiro. A maioria delas acontece dentro de casa e, muitas vezes, o relacionamento violento é mantido por vários anos sem que a mulher consiga por fim ao ciclo de agressões, que costuma ter momentos de maior uso da violência combinados com pedidos de desculpas e instantes de "calmaria". A incidência desse tipo de violência é relativamente semelhante nas diferentes classes sociais; o que pode mudar são as condições que as vítimas encontram para lidar com o problema, como, por exemplo, o acesso a serviços de saúde.

Falar de violência contra a mulher como um problema de gênero significa entendê-la a partir de um contexto de desigualdade de poder que se expressa também na relação de um casal. A violência evidencia a necessidade de controle e dominação do homem e a forma como os comportamentos masculinos violentos são legitimados socialmente. Quando se discutem situações de violência, frequentemente são levantadas inúmeras razões e questionamentos que sustentam a ideia de que a mulher contribuiu para ser vitimizada, que provocou a agressão, que o seu parceiro "apenas perdeu a cabeça" ou que o problema é uma questão privada e, portanto, deve ser resolvido pelo próprio casal.

Embora seja mais comum falar da violência física e sexual, há outras formas menos visíveis ou conhecidas de violência. A violência psicológica ou moral é aquela em que a mulher é sistematicamente desqualificada, coagida, proibida de ter uma vida social independente, resultando em sofrimento psíquico, convívio social limitado e abalo da autoestima, entre outros constrangimentos. Há a violência patrimonial, quando a mulher é privada de seus pertences, como documentos, objetos pessoais e outros bens dos quais dependa sua subsistência. Por fim, existe a violência institucional, caracterizada pelo mau serviço e atendimento realizado por profissionais de órgãos públicos, como a omissão ou atitudes desrespeitosas em relação à vítima.

Uma das maiores conquistas do movimento feminista no Brasil foi a criação, em 1985, das delegacias da mulher, órgãos especializados no atendimento de vítimas, que constituíram a primeira política pública de grande impacto para o enfrentamento desse problema. Em 2006, por sua vez, foi promulgada a Lei Maria da Penha, outro marco das políticas para mulheres. A Lei estabelece medidas de prevenção, assistência e proteção das mulheres e seus filhos, indica o tratamento de agressores e evita que estes recebam penas excessivamente brandas, como pagamento de cestas básicas, entre outros avanços significativos.

O enfrentamento dessa modalidade de violência significa a garantia do acesso das mulheres aos seus direitos e, fundamentalmente, a promoção de autonomia, a ampliação do repertório cultural e de referências do que é ser mulher e o fortalecimento da vida profissional e dos vínculos sociais e comunitários. Quanto mais cedo a jovem mulher começar a ser estimulada a conhecer e procurar novos modelos, mais fortalecida poderá estar nas suas relações afetivas e em relação ao seu projeto de vida.

Uma importante mobilização nessa temática é a Campanha 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra a Mulher, realizada em todo o mundo desde 1991, buscando promover os direitos humanos e eliminar a violência contra as mulheres, tendo como referência o Dia Internacional da Não-Violência Contra as Mulheres, em 25 de novembro. No Brasil, há uma campanha nacional a partir de 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência Negra), até 10 de dezembro (Declaração Universal dos Direitos Humanos). Datas como os 16 Dias e o Dia Internacional da Mulher podem ser momentos interessantes para abrir um diálogo a respeito deste tipo de violência, informar as mulheres sobre seus direitos e estimular a denúncia.



Dica

A seguir, apresentam-se links interessantes sobre violência contra a mulher:

<<http://www.youtube.com/watch?v=KuQczlkF9LM>>

<<http://www.youtube.com/watch?v=8A0PJ6raDF4>>

<<http://www.youtube.com/watch?v=oa8gAX-ZaZg>>

<<http://www.bemquerermulher.org.br/>>

<<http://www.quebreociclo.com.br/>>



Em 1948, em resposta aos agravos causados por duas grandes guerras, os países que faziam parte das Nações Unidas aprovaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos, grande marco mundial na defesa da cidadania. Esse documento estabelece condições mínimas de vida que deveriam, a partir de então, ser garantidas pelos governos para *todas as pessoas*, sem distinções. Seu caráter de universalidade, tão importante na época, não esconde, contudo, a existência de grandes desigualdades na sociedade, que fragilizam determinadas populações e grupos sociais, criando barreiras para a garantia de direitos.

A evolução histórica dos Direitos Humanos deu origem a uma nova fase – ou geração –, quando se consolidaram os conceitos de direitos sociais e difusos, promovidos a partir da intervenção dos governos, especialmente por meio de políticas públicas. São direitos que visam proteger e fortalecer aqueles que se encontram em condições menos favoráveis, criando normas e ações específicas dirigidas a esses grupos, além de indicar novas temáticas que ganham importância, como, por exemplo, o direito a cultura, lazer e esporte. No lugar de uma noção abstrata de “homem”, passam a ser discutidas as necessidades de negros, índios, homossexuais, deficientes, idosos e também de mulheres. É nesse contexto, a partir das últimas décadas do século XX, que a preocupação com a cidadania feminina emerge como questão e também como foco de lutas dos movimentos feministas.

No Brasil e no mundo, o debate sobre as condições de vida das mulheres e a pressão social desses movimentos impulsionaram algumas conquistas importantes, seja no campo da saúde sexual e reprodutiva, seja nos âmbitos do trabalho, da participação política e da violência contra a mulher, entre tantos outros. A Constituição de 1988 acolhe muitas das demandas femininas, expressas na “Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes”, que culminou na incorporação ao texto constitucional de pontos fundamentais, como o artigo (5º, I), que assegura a igualdade entre homens e mulheres em geral, ou o artigo (7º, XX), que prevê a proteção da mulher no mercado de trabalho, mediante incentivos específicos.

Algumas distorções históricas vêm sendo mudadas aos poucos:

- apenas em 1932 as mulheres conquistaram o direito ao voto no Brasil, mais de cem anos depois que ele fora instituído para os homens brasileiros, embora com limitações de idade e condição econômica;
- mais recentemente, o Novo Código Civil, aprovado em 2002, alterou o artigo que permitia ao marido a anulação do casamento caso comprovasse que sua esposa não era virgem, dispositivo que legitimava a hierarquia de gênero e o lugar de inferioridade da mulher no casamento civil;
- promulgada em 2006, a Lei Maria da Penha se consolida como um grande avanço em relação à eliminação da violência contra as mulheres (ver mais no texto “Violência Contra a Mulher”);
- em 2009 houve uma alteração na lei do Código Penal, que caracterizava o estupro como um crime contra os costumes – e não contra a pessoa –, passando a ser considerado crime contra a dignidade sexual.

Contudo, as mudanças na legislação e as políticas governamentais são ainda insuficientes para eliminar as desigualdades que foram construídas ao longo de tantos anos. Ainda há importantes lacunas e deficiências, sobretudo na implementação das políticas. As mulheres brasileiras, especialmente as negras e moradoras de periferias, que cada vez mais assumem a posição de chefia do lar e enfrentam a tripla jornada, trabalhando, cuidando da casa e dos filhos, ainda sofrem com as marcantes desigualdades no seu dia-a-dia, seja no difícil acesso a espaços públicos e atividades culturais, de lazer ou esportivas, seja pelas diferenças salariais. Alguns dados evidenciam claramente a posição desfavorável de mulheres no nosso país e no mundo:

- as brasileiras recebem, em média, cerca de 34% menos do que os homens para desempenhar uma mesma função (IBGE);
- no mercado de trabalho, as mulheres ocupam apenas 13% dos postos de chefia (Organização Internacional do Trabalho – OIT);
- enquanto 51,7% dos homens dizem cuidar dos afazeres domésticos, 90,6% das mulheres afirmam fazê-lo (PNAD, 2002);
- apenas 9% dos representantes no Congresso brasileiro são mulheres (2010), apesar de constituírem cerca de 51% da população;
- mulheres chefiam 33% das famílias brasileiras (IPEA, 2007);
- entre as pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza no mundo, 70% são mulheres (ONU);
- 33% das mulheres brasileiras disseram ter sido vítimas de algum tipo de violência (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2001); o que significa uma mulher vítima de violência a cada 15 segundos.

Com isso, continua sendo necessária a mobilização de mulheres para a defesa e efetivação de seus direitos. Nesse sentido, o movimento feminista – que não apenas se transformou ao longo do tempo, mas também se diversificou, passando a ser composto de muitas abordagens, demandas e questões distintas e até divergentes entre si – ainda é referência fundamental e um lugar a ser ocupado e fortalecido pelas mulheres. É importante também considerar que muitos dos espaços e políticas voltados à participação feminina costumam ser direcionados a um perfil de mulheres mais velhas, sendo pouco adequados aos interesses e necessidades das jovens.

As iniciativas informais de grupos juvenis, tanto no campo da cultura e da educação como no do esporte, têm sido uma forma interessante de trazer mais jovens mulheres para a discussão de seus direitos, sobretudo nas periferias, onde as mulheres sofrem mais as consequências de uma sociedade desigual. Incentivar a participação feminina na esfera pública, promovendo encontros de jovens, intervindo e ocupando a cidade, contribui para construir novos projetos de vida, maior esperança na ação coletiva e quebrar velhos estigmas, abrindo caminho para mudanças.



Dica

Para saber mais sobre este tema, leia o documento elaborado pela Unifem, “O Progresso das Mulheres no Brasil” (Brasília, 2006), disponível em:

<<http://www.mulheresnobrasil.org.br/>>

Acesse também:

<<http://www.cfemea.org.br/guia/apresentacao.asp>>



Actividades



As atividades a seguir foram aplicadas pela equipe do Projeto Juventude, Gênero e Espaço Público (3ª edição), desenvolvido entre 2009 e 2010 em duas instituições que atendem adolescentes e jovens da cidade de São Paulo: a EMEF Pe. José Pegoraro, no Grajaú; e o Centro de Juventude Helena Portugal Albuquerque, no Jaçanã.

Ao longo do projeto procuramos experimentar formas diferentes de promover uma reflexão crítica acerca dos modelos de gênero e suas implicações para o fenômeno da violência, procurando descobrir como jovens expressariam seus pontos de vista sobre essas questões. Considerando a riqueza do processo e a produção de materiais tão interessantes por jovens homens e mulheres que participaram deste trabalho, organizamos o Guia com a sistematização de dez atividades. Escolhemos as oficinas educativas que, após serem aplicadas, mais estimularam os/as jovens a refletir, debater e produzir materiais sobre as questões de gênero.

Um aprendizado importante para a equipe do Instituto Sou da Paz foi perceber que para o/a jovem se sentir estimulado/a a participar das oficinas, é importante que elas não se limitem a discussões e reflexões teóricas, mas que proponham o desenvolvimento de produtos, como jornal mural, mural interativo, jornal comunitário, blog, história em quadrinhos, vídeo, teatro, estêncil, etc. Isso valoriza o saber do/a aluno/a, promove canais de expressão e gera no grupo um movimento de corresponsabilização, uma vez que a não participação de um/a pode implicar o atraso ou não execução do “produto coletivo”. Por isso, as oficinas aqui propostas, em sua maioria, sugerem a criação de produtos de comunicação. Escolhemos produtos que não exigem conhecimento técnico por parte dos/as educadores/as e podem ser feitos com materiais fáceis de encontrar e com baixo custo.

As oficinas não necessariamente precisam ser aplicadas na sequência sugerida aqui, podendo acontecer de forma independente. É importante que o/a educador/a fique atento/a e tenha sensibilidade para identificar quais questões relacionadas a gênero precisam ser trabalhadas no grupo e escolha as atividades mais adequadas aos interesses dos/as jovens. Algumas atividades podem ser fragmentadas em mais de um encontro, de acordo com o tempo disponível.

As oficinas sugeridas podem ser aplicadas com jovens de 15 a 29 anos, mas é mais interessante que o grupo concentre pessoas com idades próximas – por exemplo, um grupo de 15 a 18, outro de 20 a 24 e assim por diante –, já que a profundidade das discussões sobre gênero varia bastante dependendo do momento de vida dos/as jovens.

Por fim, esperamos que as atividades façam sentido para o/a educador/a e contribuam para que o/a jovem desenvolva um pensamento crítico acerca das questões de gênero em nossa sociedade.





Preparando as atividades:

algumas recomendações

As atividades sugeridas podem ser realizadas por qualquer educador/a, seja em escolas e projetos sociais, seja em organizações não governamentais. Como a questão de gênero é complexa e exige certa reflexão e sensibilidade por parte dos educadores, é preciso que o/a educador/a tenha alguma afinidade/interesse pelo tema e experiência de trabalho com jovens.

Além de se sentir confortável com o conteúdo abordado nas oficinas, o/a educador/a deve se preocupar com sua postura em sala de aula, pois isso também contribui para um ambiente mais participativo e de respeito entre as pessoas. É importante o/a profissional estar atento para garantir espaço para que as jovens mulheres tenham voz, estimular a diversidade, não tolerar falas preconceituosas e machistas, estabelecer regras de convivência e não reforçar estereótipos de gênero. O importante é manter uma postura condizente com os conteúdos que estão sendo trabalhados. Não adianta, por exemplo, o/a educador/a debater com os/as alunos/as sobre respeito à diversidade e fazer brincadeiras ou colocações preconceituosas.

Recomendamos que as atividades sejam realizadas em grupos mistos (homens e mulheres), com a participação de 10 a 20 jovens. O/a facilitador/a pode ser homem ou mulher, o que conta é a afinidade com o tema e comprometimento.

Para receber os/as alunos/as, reserve um espaço agradável que os/as deixe confortáveis. Caso o grupo ainda não se conheça, comece os primeiros encontros realizando algumas dinâmicas de apresentação e integração. Reserve tempo para fazer uma pausa nas atividades, estabelecendo um momento de descontração. Nesse caso, se possível, ofereça um lanche para os/as jovens.

Finalmente, é importante preparar as oficinas com antecedência, separando os materiais necessários e lendo os textos de apoio. Se possível, vale a pena registrar os encontros, pontuando as discussões que foram mais proveitosas, os temas mais candentes para o grupo, os pontos de vistas dos/das jovens e as atividades nas quais o grupo se envolveu mais. Isso ajuda a planejar as próximas atividades e ter um registro de todo o processo educativo.

Atividade

Os modelos que eu vejo

1



Objetivo

Permitir que os/as jovens reflitam sobre modelos valorizados pela sociedade.



Tempo estimado

2 horas (1 hora de construção do modelo e 1 hora de debate)



Materiais

- Papel pardo
- Revistas e jornais diversificados
- Cola
- Tesoura
- Caneta piloto



Descrição da atividade

Esta atividade consiste na montagem de “modelos ideais” de homem e mulher valorizados pela sociedade segundo a opinião dos/as alunos/as.

Para realizar a atividade, você deve dividir a sala em quatro grupos e distribuir alguns exemplares de revistas e jornais de diferentes tipos: resumo semanal; publicações dirigidas ao público masculino; com notícias sobre celebridades; voltadas ao público negro; praticantes de atividade física, etc., para que os grupos tenham uma maior variedade de imagens disponíveis, e possam escolher o modelo que querem construir.

Peça para que cada grupo desenhe num papel pardo um corpo – masculino ou feminino – a partir da silhueta de um/a jovem. Em seguida, peça para que o grupo pense na questão: **em sua opinião, qual é o modelo de homem/mulher mais valorizado pela sociedade?**

Os /as alunos/as devem recortar imagens e construir um personagem colando estas imagens. Dois grupos devem procurar imagens para fazer a construção do “modelo feminino” e os outros dois do “modelo masculino”, procurando responder às questões:

- **Como é a aparência dele/dela?**
- **Quais bens materiais ele/ela possui?**
- **O que ele/ela sente?**



Fechando a discussão

Nossa experiência com a aplicação desta atividade mostrou que os modelos são bem parecidos com os personagens de sucesso retratados nas novelas, ou seja, completamente diferentes da realidade dos/das jovens. Equipamentos eletrônicos como celular e ipod, corpos malhados, carros e viagens em lugares paradisíacos apareceram em quase todos os modelos construídos pelos/as jovens. Por isso, antes de finalizar a atividade, é importante conversar com os/as jovens o quanto esses modelos influenciam a sua vida. A seguir, apresentamos **algumas questões que podem ajudar a nortear a discussão.**

1



- Quais problemas você identifica nesses modelos? Quais as vantagens?
- O que você mais valoriza em si mesmo?
- É possível ser diferente? Como é para você ter que estar de acordo com um padrão?
- Por que as pessoas têm dificuldade de aceitar outras formas de ser homem e ser mulher? O que podemos fazer para mudar isso?
- Você consegue identificar preconceitos presentes na ideia de ser homem/mulher propagada pela mídia? E por sua família e amigos?
- Qual a importância de respeitar a diversidade (de jeitos, de corpos, de gostos, etc.)?



Imagens selecionadas pelos/as alunos/as do Centro de Juventude Helena Portugal Albuquerque, no Jaçanã.

Dinâmica do concordo e discordo



Objetivo

Identificar as percepções dos/as jovens sobre as relações de gênero no cotidiano e, a partir disso, debater com o grupo sobre as questões e pontos de vista mais polêmicos.



Tempo estimado

50 minutos



Materiais

- Cartões de papel
- *Flip-chart* ou lousa

Prepare a atividade

Essa atividade deve ser realizada em um espaço amplo, para que o grupo possa se movimentar. Caso ela ocorra dentro da sala de aula, é importante que as carteiras sejam afastadas, deixando o espaço central livre.

Prepare-se para ser o mediador dos debates: consulte antes os textos de apoio deste Guia.



Descrição da atividade

Partindo da apresentação de algumas afirmações que traduzem percepções do “senso comum” sobre relações de gênero, os/as jovens devem se posicionar a favor ou contra o que foi dito. Além de promover o debate, esta atividade permite que o/a educador/a identifique quais preconceitos e percepções sexistas precisam ser trabalhados com os/as jovens. A partir desse diagnóstico, outras atividades sobre a temática de gênero podem (e devem) ser desenvolvidas para promover relações mais democráticas entre o grupo.

Socialize com o grupo de jovens as afirmações apresentadas nos quadros a seguir e peça para que todos/as se levantem e se posicionem em relação ao que foi dito: aqueles que são a favor, no lado direito da sala; os contra, no lado esquerdo; e os que estão “em cima do muro”, no meio da sala.

Peça para os/as participantes escolherem sua posição mentalmente antes de se movimentarem na sala. Nossa experiência mostrou que os/as jovens costumam se posicionar a partir da escolha dos/as amigos/as, o que pode atrapalhar a dinâmica da atividade.

A) Hoje em dia os homens estão menos machistas do que antigamente.

B) Hoje em dia os garotos estão mais carinhosos do que antigamente.

C) O que o jovem de hoje mais valoriza numa garota é o fato de ela ser "gostosa".

D) As garotas de hoje desejam encontrar um homem para casar e têm medo de ficar sozinhas.

E) Os pais continuam sendo mais controladores com as filhas do que com os filhos.

F) É natural falar mal das meninas que gostam de sair de casa e de conversar com os garotos na rua.

G) Existem coisas só para meninos, como futebol, e coisas só para meninas, como cozinhar e dançar balé.

H) Hoje em dia as mulheres jovens se valorizam menos, saindo ou ficando com vários meninos.

I) Os homens são, por natureza, mais agressivos do que as mulheres.

J) Tomar conta dos filhos e da casa é responsabilidade da mulher.



Fechando a discussão

Depois disso, procure identificar quais foram as duas afirmações que geraram maior polêmica na sala. Organize um rápido debate sobre essas duas questões (um assunto por vez) entre o lado que concorda e o que discorda, solicitando que defendam suas posições.

Outra dinâmica interessante é o debate invertido, no qual o lado que concorda com a frase deve defender a posição contrária e vice-versa. Isso contribui para que os jovens entrem em conflito com suas próprias convicções e desenvolvam a capacidade de entender o outro lado de uma argumentação.



Dica

Provoque o debate despertando nos/nas jovens a reflexão sobre algumas convicções que geralmente aparecem, tais como: "hoje em dia as mulheres estão muito fáceis e depois ainda querem que a gente as respeite"; "homem já nasce mais violento mesmo"; "não existe machismo porque as mulheres já possuem os mesmos direitos do que os homens"; etc.

Mural interativo: tem gente de todo o tipo



Objetivo

Contribuir para a ampliação do repertório dos/as jovens sobre as masculinidades e feminilidades possíveis, bem como estimular o respeito à diversidade no espaço educativo.



Tempo estimado

3 horas (divididas em etapas/encontros diferentes)



Materiais

- Imagens diversas de homens e mulheres em sites da Internet, fotografias, jornais, revistas, materiais educativos, etc.
- Cola
- Tesoura
- Quadro de cortiça ou cartolina
- Folha de sulfite
- Caneta piloto
- Fita dupla face



Descrição da atividade

A ideia desta atividade é construir, junto com os/as alunos/as, um painel com imagens de homens e mulheres realizando atividades que rompem com o “modelo comum” de masculinidade e feminilidade, com o qual outros/as alunos/as e funcionários/as possam interagir. Posteriormente, deve-se realizar uma discussão sobre os resultados da atividade.

Sua realização consiste em três etapas: 1ª) escolha das imagens junto com os/as alunos/as; 2ª) montagem do painel e exposição interativa; 3ª) discussão sobre os resultados da atividade.

1ª ETAPA: escolha das imagens junto com os/as alunos/as

Duração: 1 hora (já com a pesquisa das imagens previamente realizada pelo/a educador/a).

No suporte escolhido para realizar a atividade – cartolina ou quadro de cortiça – devem ser expostas as imagens de homens e mulheres realizando atividades “inusitadas” (aquelas que rompem com a concepção tradicional dos papéis de homens e mulheres). Para isso, procure imagens que retratem situações pouco comuns, como, por exemplo: homem cozinhando para uma mulher; homem lavando a calçada; mulher presidente; homem cuidando de bebê; mulher policial; mulher dirigindo um caminhão; homem tocando piano; homem usando saia; mulher DJ; mulher grafitando; homem limpando o chão.

Apresente estas imagens aos/as alunos/as e incentive que escolham pelo menos oito imagens mais interessantes ou polêmicas. Você pode ajudar o grupo com as seguintes perguntas:



- **O que chamou atenção nessa imagem?**
- **Você costuma ver homens ou mulheres fazendo isso?**
- **Por que você acha que é incomum essa situação?**

2ª ETAPA: montagem do mural e exposição interativa

Duração: 1 hora (considerando impressão e colagem das fitas dupla face).

Organize as imagens selecionadas no painel de cartolina ou cortiça e pense com os/as alunos/as frases que estimulem os outros a refletir sobre o que está sendo exposto, tais como:



- **O que você acha sobre o que vê? Você já viu essa cena?**
- **Tem gente de todo tipo.**

Junto com os/as alunos/as, copie cada um dos adjetivos abaixo (de acordo com o número de imagens selecionadas e de pessoas na instituição), recorte e fixe um pedaço de fita dupla face atrás de cada um deles.

BONITO	BONITA
INTELIGENTE	INTELIGENTE
INTERESSANTE	INTERESSANTE
ELEGANTE	ELEGANTE
OUSADO	OUSADA
CORAJOSO	CORAJOSA
FORTE	FORTE
ENGRAÇADO	ENGRAÇADA
ESPERTO	ESPERTA
ESTILOSO	ESTILOSA
COMPETENTE	COMPETENTE
DIFERENTE	DIFERENTE
MODERNO	MODERNA
GRACIOSO	GRACIOSA
CUIDADOSO	CUIDADOSA
IMPORTANTE	IMPORTANTE
CARINHOSO	CARINHOSA
ÁGIL	ÁGIL
ATIVO	ATIVA
LEGAL	LEGAL
TALENTOSO	TALENTOSA

Coloque os adjetivos em um saquinho, que deverá ser fixado no painel com as imagens e com a seguinte instrução: "No saquinho abaixo tem um montão de palavras. Escolha uma palavra que tenha a ver com o que você vê em cada imagem. Depois, destaque a fita adesiva e cole a palavra ao lado do retrato".

Depois da montagem do mural, decida com os/as alunos/as um local com bastante circulação de pessoas para fixar o painel por pelo menos uma semana. Estimule que os/as alunos/as façam a divulgação para outros/as alunos/as e profissionais da instituição para que todos tenham a oportunidade de interagir com o mural.



Exemplo de mural produzido pelo projeto Juventude, Gênero e Espaço Público na EMEF Padre José Pegoraro, no Grajaú.

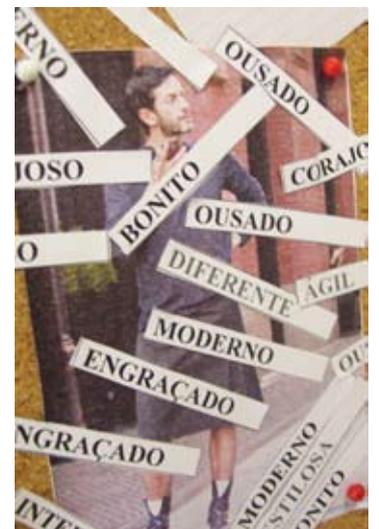
3ª ETAPA: discussão sobre os resultados da atividade

Duração: 1 hora

Recolha o painel e promova uma discussão com o grupo sobre os adjetivos que foram escolhidos e como eles estão associados às imagens.

Nossa experiência com a aplicação desta atividade mostrou que, mesmo propondo adjetivos que representem características positivas, alguns jovens ou profissionais das instituições os utilizam de forma pejorativa quando são associados às imagens – por exemplo, ao lado da imagem de um homem de saia “estilosa” e “ousada”.

A discussão com os/as alunos/as deve tratar dos preconceitos que existem em relação a estilos, comportamentos e atitudes das pessoas. Por que um homem bailarino é taxado de “bonita”? Um homem pode gostar de andar de skate e costurar ao mesmo tempo? Uma mulher pode trabalhar como piloto, manobrista ou mecânica? Como ela é vista pela sociedade? Há situações na escola/instituição em que os meninos são considerados “viados”, ou as meninas são consideradas “mulher-macho”?



A partir dessa discussão, você pode desenvolver outras atividades que trabalhem o respeito à diversidade e a negação de práticas discriminatórias (sugerimos a atividade nº9 deste material).



3

Prepare-se para esta atividade

Coloque em xeque os padrões de ser homem e mulher junto aos os/as alunos/as. Para aquecer essa discussão, sugerimos a leitura da entrevista realizada com o cartunista Laerte, pela Folha de S, Paulo, em 03 de novembro de 2010 (<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/825136-cartunista-laerte-diz-que-sempre-teve-vontade-de-se-vestir-de-mulher.shtml>), bem como a leitura das histórias em quadrinho da personagem Muriel do cartunista, disponíveis no blog <<http://murieltotal.zip.net/>>.

Fazendo cena e invertendo os papéis



Objetivo

Permitir que os/as jovens questionem os papéis desempenhados por homens e mulheres em algumas situações, a partir da representação de esquetes teatrais com os “papéis invertidos”, isto é, garotos representando o gênero feminino e garotas representando o gênero masculino.



Tempo estimado

1 hora



Materiais

- Folhas de sulfite (fichas)
- Caneta



Descrição da atividade

Nesta atividade, os/as jovens devem elaborar e apresentar cenas a partir de situações que fazem parte do dia-a-dia e/ou que são exploradas pela publicidade. No entanto, os/as alunos/as deverão representar os papéis do gênero oposto ao seu.

Para realizar a atividade, divida a turma em grupos mistos (homens e mulheres) com pelo menos quatro integrantes em cada. Em seguida, copie as situações descritas abaixo (uma situação por ficha de papel) e distribua uma ficha para cada grupo.

1) Namorado ciumento pega a namorada conversando com outro cara.

2) Homem e mulher se conhecem no metrô e se apaixonam à primeira vista.

3) Homem está assistindo futebol e, ao mesmo tempo, sua esposa quer ver o último capítulo da novela.

4) Propaganda na qual um cara rejeitado, ao usar um desodorante, é assediado por várias mulheres.

5) Comercial de carro no qual o homem que dirige um automóvel desperta a atenção de várias mulheres.

6) Propaganda de TV na qual a mulher passa o batom e vai a uma balada com as amigas. Na balada, a mulher que está utilizando o batom é o centro das atenções entre os homens presentes.

Peça para que cada grupo crie uma cena sobre a situação descrita, lembrando que os homens do grupo devem representar os papéis femininos e as mulheres os masculinos. Dê tempo (entre 15 e 20 minutos) para que os grupos elaborem as cenas e, em seguida, peça para que cada grupo represente a situação. Feche a atividade com uma breve roda de conversa sobre como foi fazer as cenas, procurando trazer algumas questões.



Comentário

Quando foi realizada pela equipe do Sou da Paz, esta atividade fez parte de uma gincana com diversas outras brincadeiras que valiam pontos. Isso propiciou que os jovens realmente se envolvessem na atividade, representando um homem ou mulher – sem o pudor de “pagar mico”. Na gincana uma banca composta por três jurados (os professores) deu notas de acordo com a representação do grupo e a dedicação na construção da cena (diálogos, figurino, etc.). Se achar que o grupo está precisando ser motivado para se soltar mais, você pode simular uma gincana, ou usar outras estratégias para o grupo se envolver nessa atividade.



Questões para discussão

- **Essas situações acontecem com frequência? Você conhece alguém que já passou por alguma dessas situações? E com você, já aconteceu?**
- **O que você acha do papel que o homem desempenha nessas situações? Por quê?**
- **O que você acha do papel que a mulher desempenha nessas situações? Por quê?**
- **Na vida real, diante de uma situação semelhante, você reagiria da mesma forma como representou?**
- **O que foi diferente para você ao interpretar o sexo oposto?**
- **Para os jovens homens: como você se sentiu no papel da mulher?**
- **Para as jovens mulheres: como você se sentiu no papel do homem?**
- **Para os jovens homens: vocês acham que as mulheres representaram você bem?**
- **Para as jovens mulheres: vocês acham que foram bem representadas pelos homens?**

Homens e mulheres na mídia: questionando referências



Objetivo

Despertar uma reflexão crítica sobre a influência que a mídia exerce sobre nós, principalmente os modelos de gênero fortemente propagados pelos veículos de comunicação.



Tempo estimado

2 horas



Materiais

- Computador com acesso à *Internet/datashow*
- Papel sulfite
- Caneta



Descrição da atividade

Para realizar essa atividade, você precisará utilizar um computador com acesso à Internet, já que sugerimos a exibição de vídeos e comerciais disponíveis no Youtube (www.youtube.com) antes de realizar uma discussão com os/as jovens. Estes materiais foram escolhidos porque têm uma linguagem próxima do universo juvenil e alguns deles trazem exemplos positivos, mostrando aos jovens que é possível ser e fazer diferente.

Dividimos a atividade em três blocos: "músicas e vídeos"; "propagandas publicitárias"; e "campanhas sociais". Para cada bloco, há recomendações e sugestões de questões para discussão sobre os conteúdos veiculados. É interessante trabalhar esses três blocos, pois, além de linguagens diferentes, eles permitem fazer várias discussões e ampliar o olhar dos jovens.

Separe entre 30 e 40 minutos para cada bloco, considerando a exibição dos materiais e a discussão com o grupo.

BLOCO 1) Músicas e vídeos: discutindo os poderes associados ao gênero

A) My humps, do Black Eyed Peas

Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=1adwEiGMpQw>>

Letra (tradução): <<http://letras.terra.com.br/black-eyed-peas/191771/traducao.html>>

B) Firma milionária, do MC Max

Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=W4r4VS_ex3eQ&feature=related>.

Letra: <<http://letras.terra.com.br/mc-max/1660184/>>.

C) Unpretty, da TLC

Disponível em <http://www.pp2g.tv/vYHB8a3Y_.aspx#>.

Letra (tradução): <<http://letras.terra.com.br/tlc/40339/traducao.html>>.

D) Stupid girls, da Pink

Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=gl6N_2QUYms&feature=related>.

Letra (tradução): <<http://letras.terra.com.br/pink/453761/traducao.html>>.

E) Junto e misturado, do MV Bill e KamillaDisponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=l2bSj0edGic&feature=related>>.Letra: <<http://letras.terra.com.br/mv-bill/611631/>>.**F) Quase LLara**Disponível em: <<http://www.myspace.com/llara/music/songs/quase-llara-14633757>>.

Essas músicas e videoclipes são referências de modelos de masculinidade e feminilidade atuais e que fazem parte do universo juvenil. Elas podem estimular a reflexão crítica dos/as jovens sobre esses modelos propagados. Faça-os reparar em como as duas primeiras músicas retratam a mulher como se fosse um objeto de desejo do homem, como se fosse um bem de consumo. A mulher se relaciona com o homem à medida que ele propicia-lhe bens materiais que dão status e contribuem para deixá-la de acordo com o padrão da mulher sensual. Por sua vez, as últimas quatro músicas colocam em xeque esses padrões, uma vez que as mulheres retratadas questionam os modelos femininos que as cercam.

**Questões para discussão**

- **Sobre o que falam as músicas? Tente resgatar os elementos mais fortes de cada uma delas.**
- **O que as músicas têm em comum?**
- **Quais são as características das mulheres retratadas nas músicas?**
- **Quais são as características dos homens retratados nas músicas?**
- **De que forma homens e mulheres se relacionam nas músicas?**
- **Segundo as músicas, o que um homem precisa ter para ser valorizado? E a mulher?**
- **Você acha que as pessoas são influenciadas por esses videoclipes? De que forma?**
- **Você se identifica com isso? Por quê?**
- **Essas pessoas são referências para você? Por quê?**
- **É possível ser e agir de outra forma, de um jeito diferente do retratado nas músicas? Como?**

**Boa ideia!**

Você pode sugerir aos jovens que façam uma sátira/paródia das músicas ou clipes, mudando as letras e/ou cenas. Assim, eles podem fazer uma leitura crítica das músicas originais e transmitir isso na produção. Veja este exemplo de sátira da música My humps, feita pela Alanis Morissette:

<<http://www.youtube.com/watch?v=pRmYfVCH2UA>>

BLOCO 2) Propagandas: tenha e seja

A) Comerciais de bebidas

<<http://www.youtube.com/watch?v=hEseqtHxOnM&feature=related>>

<<http://www.youtube.com/watch?v=qGJGEad0sLM>>

<<http://www.youtube.com/watch?v=6EEemWPCV588>>

B) Comercial de carro

<<http://www.youtube.com/watch?v=9mqAK3g3UZQ>>

C) Comercial de marca esportiva

<http://www.youtube.com/watch?v=DAM6Z5_084c>

D) Comercial de hidratante

<http://www.youtube.com/watch?v=N_YD6hhoKn4>

E) Campanha publicitária sobre produção dos padrões de beleza

<<http://www.youtube.com/watch?v=29wx0LHszNw>>

As propagandas associam bens a um estilo de ser que traz visibilidade e poder a quem os adquire. Uma forma de problematizar o conteúdo veiculado com os/as jovens é questionar o modelo de beleza dos comerciais. Afinal, as mulheres retratadas atendem a um mesmo padrão de beleza (mulher branca, alta, corpo violão, etc.), enquanto os homens precisam passar a imagem de que são viris, poderosos e populares. Os produtos buscam reforçar esses modelos de comportamento, valorizando-os e estimulando que os consumidores também correspondam a este padrão. O último comercial indicado mostra como este modelo de beleza que valorizamos é "fabricado".



Questões para nortear a discussão

- Qual é a associação que os comerciais fazem do produto vendido com a figura da mulher? E do homem?
- Qual é o tipo de relação estabelecida entre o homem e a mulher nesses comerciais?
- O que você acha que as pessoas estão buscando ao comprarem esses produtos?
- O que dá poder à mulher nos comerciais? E ao homem?
- Qual é o padrão de beleza valorizado pelas propagandas?
- Segundo os comerciais, qual é o tipo de mulher ideal? E o de homem ideal?
- Você consegue identificar um "jeito de ser homem" e um "jeito de ser mulher" parecido nos comerciais (mesmo padrão em mais de um comercial)?

BLOCO 3) Campanhas sociais: utilizando a mídia para promover a equidade de gênero

A) Campanha de Portugal contra a homofobia

<<http://www.youtube.com/watch?v=fjIOeJa75S0>>

B) Animação pela equidade de gênero

<<http://www.youtube.com/watch?v=TWvJ3Dd2Y9M>>

C) Campanha de Portugal contra o namoro violento

<<http://www.youtube.com/watch?v=zbkKy6SgUdo>>

D) Campanha pela não violência contra a mulher

<<http://www.youtube.com/watch?v=oNFRg0bPBdc>>

E) Campanha do Laço Branco

<<http://www.youtube.com/watch?v=cIFseVAFqb8&feature=related>>

F) Campanha Dá Licença Eu Sou Pai!

<<http://www.youtube.com/watch?v=NfFSsoosWa3I&feature=related>>

Essas campanhas sociais mostram como a mídia tem potencial não só para disseminar valores e modelos negativos, mas também para ser uma poderosa ferramenta de divulgação de outros valores, estimulando a equidade de gênero.



Boa ideia!

A partir desses exemplos de campanhas sociais, estimule que os jovens produzam fanzines, vídeos, jornal mural, *podcasts*, programas de rádio, etc. São formas divertidas e leves de trabalhar o tema, ao mesmo tempo em que ajudam os jovens a enxergarem os veículos de comunicação não apenas como vilões, mas também como aliados na promoção da equidade de gênero, ao veicularem mensagens positivas.

Estênceis pela igualdade de gênero



Objetivo

Estimular a expressão de ideias e mensagens por jovens a respeito das relações de gênero por meio da produção de estênceis (técnica de grafite utilizando moldes).



Tempo estimado

1 hora para discussão e 2 horas para confecção de moldes e aplicação da técnica



Materiais

- Cartolina e/ou papel cartão
- Régua
- Estilete
- Fita adesiva
- *Sprays* e/ou tintas de cores variadas
- Rolinho de espuma para aplicação da tinta
- Papelão
- Lápis
- Borracha



Descrição da atividade

Essa atividade combina uma sensibilização do grupo sobre a temática de gênero e a confecção de estênceis para veicular mensagens sobre as questões de gênero. O estêncil é um suporte de comunicação que desperta grande interesse nos/as jovens, podendo ser feito para divulgar logotipos, mensagens e desenhos de acordo com a criatividade do grupo.

A) SENSIBILIZAÇÃO DO GRUPO PARA A TEMÁTICA DE GÊNERO

Este momento da atividade é importante para que os/as jovens consigam criar as mensagens e desenhos que serão divulgados por meio do estêncil. A sensibilização pode ser realizada de diversas formas, a partir de músicas, textos, notícias, vídeos, campanhas, etc. Você também pode utilizar alguma outra atividade sugerida nas demais fichas deste material. A seguir sugerimos uma dinâmica de sensibilização.

> Ser homem e mulher, uma construção

Exiba o filme *Acorda Raimundo... Acorda!* Em seguida, pergunte aos/as jovens: "o que é bom em ser menino/a?" Em seguida, pergunte novamente: "o que é ruim em ser menino/a?" Anote as respostas conforme acontece a atividade. Depois, peça à turma que identifique questões que gostariam de mudar na relação entre homens e mulheres e quais mensagens eles/as gostariam de passar para as pessoas com o objetivo de contribuir para a desconstrução das "desigualdades de gênero".

O vídeo indicado também está disponível no Youtube.

Parte I: <<http://www.youtube.com/watch?v=r6zFfnQ8MOM>>

Parte II: <<http://www.youtube.com/watch?v=BBEnPg-JB7o&feature=related>>

Relato da aplicação desta sensibilização

Quando a equipe do Instituto Sou da Paz realizou esta atividade, os/as alunos/as participantes do grupo Fala Aí, da EMEF Padre José Pegoraro, no Grajaú, afirmaram o seguinte: "o ruim em ser mulher é que a gente pode ficar grávida"; "o homem sempre tem que tomar a iniciativa em tudo, principalmente na hora de chegar na menina"; "têm coisas que não ficam bem a mulher fazer. Homem pode fazer mais coisas". A partir dessa conversa, ajudando o grupo a identificar preconceitos e se questionar a respeito dos modelos mais aceitos, os/as jovens chegaram a algumas mensagens que gostariam de divulgar.

Veja aqui o que eles produziram:



1 – Homem inteligente é pai presente

Homem com o filho(a)



2 – Mulher de atitude

Mulher dando buquê de flor para homem (invertendo a lógica da conquista)



3 – Seja o que você quiser e não o que os outros pensam

Homem cozinhando e mulher jogando bola.

B) ORIENTAÇÕES TÉCNICAS: COMO FAZER UM ESTÊNCIL?

O estêncil é um molde vazado. Para sua produção, é necessário definir que mensagens ou imagens serão divulgadas e desenhar estas mensagens e imagens em um suporte duro. Pode ser cartolina ou papel cartão (quanto mais resistente o material, maior a durabilidade do molde), onde os/as jovens devem escrever as letras e/ou os desenhos criados. Para facilitar a atividade, colocamos no fim desta atividade uma fonte para estêncil.



Dica

- Em vez de desenhar no suporte, você pode colar uma imagem já pronta (e própria para estêncil).
- As letras e desenhos escritos no molde devem ser vazados, para que a tinta possa ser aplicada e assim formar a imagem desejada na parede.
- O molde deve ser pensado como se fosse um “negativo” da imagem original.
- Devem ser criadas “pontes” para ligar as partes soltas da imagem ao resto do molde para que a figura possa ser formada quando aplicada.

A próxima etapa é recortar as partes que devem ser vazadas para que a tinta possa ser aplicada e assim formar a imagem. Para isso, utilize um estilete e contorne a imagem. Faça isso numa superfície própria que possa ser riscada pelo estilete (uma placa de madeira em cima da mesa de trabalho pode protegê-la).



O seu molde está pronto! Segure-o na parede e aplique o spray ou a tinta. Faça os estênceis em locais adequados, como nos muros das próprias instituições ou em locais autorizados.



O resultado final fica incrível!





Dica

Veja mais explicações sobre essa técnica em:

<http://www.podesta.com.br/estencil/pensando_estencil.pdf>

Veja também fotos da aplicação desta atividade no Centro de Juventude Helena Portugal Albuquerque, no Jaçanã.





A B C D

E F G H

I J J M

N O P Q

R S T U

X W Y Z

0 1 2 3 4

5 6 7 8 9

? ! % * @

“ & % + -

Atividade

Machismo e violência

7



Objetivo

Promover uma reflexão sobre como a construção das identidades e práticas de homens jovens é influenciada por modelos machistas de comportamento – propagados por amigos, comunidade, família e a mídia –, que podem levá-los a adotar atitudes violentas.



Tempo estimado

2 horas



Materiais

- Computador com acesso à Internet/ *datashow*
- Papel sulfite
- Caneta
- *Flip-chart*
- Canetão



Descrição da atividade

Esta atividade está dividida em três momentos:

- primeiro, propomos que os/as alunos/as reflitam sobre o conceito de machismo e que valores e atitudes estão associadas a ele;
- depois, a ideia é que os/as jovens reflitam sobre a associação entre masculinidade e violência e como o machismo contribui para fortalecer e naturalizar essa relação;
- finalmente, o grupo discutirá sobre como se aprende a ser machista e a valorizar a violência; e terminará refletindo em maneiras de se ensinar a não ser machista nem violento.

PRIMEIRO MOMENTO: identificando comportamentos machistas

Peça para que o grupo se organize em subgrupos de quatro ou cinco alunos. Distribua para os subgrupos uma das fichas abaixo com a descrição de alguns personagens masculinos e peça para que leiam e discutam entre eles quais características machistas identificam nos personagens. Os grupos deverão levantar argumentos sobre o porquê acham isso. Peça para que os/as alunos/as anotem as características e os argumentos.

Descrição dos personagens:

João Carlos, 37 anos

Mora com dois filhos (meninos) pequenos e sua esposa. É conhecido por ser um homem correto; religioso, vai toda semana com a família à igreja. Apesar de bom trabalhador, está desempregado há alguns meses, desde que a empresa em que trabalhava faliu. Chateado, tem conversado cada vez menos com sua parceira. Constantemente ele critica a forma como ela educa seus filhos. A mulher prefere conversar com os filhos em vez de dar umas palmadas quando eles fazem besteiras e também incentiva que os meninos ajudem nas tarefas domésticas. João acha que educando assim os meninos vão ficar "frouxos" quando crescerem.

Eduardo, 17 anos

Mora com a mãe, uma irmã e irmão mais novo. Há um ano ele deixou de estudar, quando ainda cursava o ensino médio. Gosta bastante de jogar bola e ouvir funk. Bonito, forte e comunicativo, faz bastante sucesso com as jovens, especialmente depois que passou a se apresentar como MC nas festas do bairro. Começou a trabalhar como balconista numa loja de material eletrônico. Afirma ser um cara tranquilo desde que não mexam com ele. Descontrolou-se apenas uma vez quando teve que partir pra cima de um cara que chamou sua namorada de gostosa em uma balada.

Sophia, 35 anos

É casada e mãe de uma menina de quatro anos e de um menino de cinco meses. Não abre mão de trabalhar para ter o seu próprio dinheiro, mas optou por trabalhar meio período para ter mais tempo de ficar em casa com os filhos. Sente-se sobrecarregada às vezes por ter que trabalhar, cuidar da casa, do marido e dos filhos. Ela é responsável por cozinhar todos os dias e não gosta que o marido dê banho ou troque as crianças. Acha que homem não tem jeito para essas coisas, pois as mulheres são naturalmente mais cuidadosas.

Lucas, 21 anos

Mora com a mãe e o pai (irmã mais velha casou-se e saiu de casa). Depois que concluiu o ensino médio, fez curso técnico e hoje trabalha numa empresa. Tem um filho de quatro anos, fruto de relacionamento com uma colega nos tempos da escola, com o qual tem pouco contato, e uma menina de um ano, que visita de vez em quando. Usa parte do seu salário para pagar uma pensão às mães de seus filhos. Às vezes ele atrasa o pagamento e já aconteceu de uma delas ir à sua casa reclamar, ele segurou-a forte nos braços e, aos gritos, disse que ela deveria ficar agradecida por ele ainda ajudá-la, pois estava de saco cheio da garota. Seu pai viu a cena e não fez nada.

Darlene, 18 anos

Mora com a mãe e uma irmã. Prefere namorar meninos mais velhos que tenham condições de levá-la para passear (de preferência de moto) e pagar tudo. Acha muito charmoso um homem portando uma arma, porque dá sensação de que ela está com um cara poderoso.

Marlos, 13 anos

Mora com o pai, a mãe e mais um irmão e duas irmãs. Marlos tem tido uma queda de rendimento na escola e, desde que entrou na sétima série, tem sido mais indisciplinado. Tem uma turma de amigos conhecida por atitudes de confronto com os professores e funcionários e acaba de ser suspenso depois de colocar um explosivo no banheiro durante as aulas. Apesar disso, costuma assumir responsabilidades dentro de casa e cuida dos irmãos mais novos sempre que os pais precisam. O pai é bastante severo e há suspeita de que ele bata nos filhos e na mulher.

Rogério, 52 anos

Trabalha com um comércio na rua perto de onde mora. Já é avô de duas crianças, por parte do filho mais velho. Mora com sua esposa, da qual chegou a se separar após um período de crise (ela descobriu que ele tinha uma amante). Fala para ela todos os dias como a ama. É bastante ciumento e não gosta que ela saia muito, se maquie ou se vista de forma chamativa. Organiza o futebol nos finais de semana, quando costuma beber com os amigos, mas não deixa que sua mulher assista as partidas – ela fica em casa preparando a feijoada.

Em seguida, peça para que cada subgrupo apresente o seu personagem e a discussão feita. O/a educador/a deverá ir anotando na lousa (ou flip-chart) as características mencionadas pelos grupos que os levaram a acreditar (ou não) que os personagens são machistas.



A partir disso, faça uma discussão sobre o que é machismo e que ideais são machistas. As seguintes perguntas podem ajudar:

- O que é machismo?
- Que valores são difundidos pelo machismo?
- Que ideias são machistas?
- Existe mulher machista?
- Você acha que uma mulher pode educar o seu filho de forma machista? Como?
- Todos os homens são machistas ou existem os que pensam diferente? Dê um exemplo.
- Os modelos masculinos da sua família e aqueles divulgados pelos meios de comunicação são machistas? Como?

SEGUNDO MOMENTO: machismo e violência

Essa é uma atividade curta. Depois da discussão em grupo, peça para os subgrupos se reunirem novamente e, analisando mais uma vez as histórias que cada um recebeu, percebam se há casos de violência entre os personagens. Cada grupo deve relatar qual o caso de violência, quem são os autores e as vítimas e como essa violência acontece (é física? verbal? psicológica?). Por fim, devem responder à pergunta: você acha que o machismo estimula a violência? Como?

Cada subgrupo apresentará suas conclusões e você pode fazer uma discussão rápida sobre as relações entre machismo e violência, procurando discutir a suposta associação natural entre masculinidade e violência (“é normal que todo homem seja violento”).

TERCEIRO MOMENTO: de onde vem o machismo e como podemos ensinar as pessoas a não adotarem comportamentos machistas?

Sugerimos a exibição de quatro vídeos (ou trechos) que permitem explorar o fato de que o “machismo” é socialmente construído e legitimado: ele se aprende em casa, na família, na escola, na mídia...

> Vídeo “Children see, children do”, campanha da ONG NAPCAN

Esta campanha alerta para o fato de que as crianças são influenciadas pelas referências adultas que as cercam e nos faz refletir sobre como os nossos comportamentos podem contribuir para perpetuar atitudes violentas.

Link do vídeo: <<http://www.youtube.com/watch?v=j9hVuZlwKsl&feature=fvst>>.

> Vídeo “Violência gera violência” do Instituto Promundo

A animação mostra os vários tipos de violência (verbal, física e psicológica) que uma criança pode sofrer de sua família e como isso pode influenciá-la a adotar comportamentos violentos.

Link do vídeo: <<http://www.youtube.com/watch?v=CBq95njazEE>>.

> Vídeo “Não é fácil não!” do Instituto Promundo

O vídeo apresenta os resultados de uma pesquisa feita pelo Instituto Promundo e o Instituto Noos, com homens na cidade do Rio de Janeiro. O estudo revela que a violência contra a mulher é cultural e está relacionada à maneira como os homens são socializados, como eles aprendem a se comportar.

Link do vídeo: <<http://www.promundo.org.br/audiovisuais/para-jovens-e-adultos/dvd-nao-e-facil-nao/>>.

> Vídeo Campanha “Reacciona Ecuador, el machismo es violencia”

Este vídeo da campanha “Reacciona Ecuador” mostra que o machismo é um mal que se aprende e é estimulado desde a infância através da forma como homens e mulheres são educados/as.

Link do vídeo: <<http://www.youtube.com/watch?v=NTxUWQ2IE6s>>.

> Videoclipe “Boss Life” do Snoop Dogg

Este videoclipe explora o estilo de vida de alguém com “vida de chefe”: um homem com poder, status, que domina as mulheres. É um bom exemplo de como a mídia explora e dissemina a ideia de que homem de verdade é aquele que tem várias mulheres, que são submissas (isso é totalmente machista!).

Link do vídeo: <<http://www.youtube.com/watch?v=f-dUtpHpWzI&p=746C34044C23B6C7&playnext=1&index=92>>

Link da letra com tradução: <<http://letras.terra.com.br/akon/980164/traducao.html>>.

Após a exibição dos vídeos indicados, pergunte aos/as jovens se conseguem perceber uma relação entre eles. É importante que os/as jovens consigam compreender que tanto a mídia como as famílias influenciam a forma como os homens são socializados e, portanto, podem contribuir para a manifestação do machismo.



Dica

Ao final da atividade, o grupo pode fazer a seguinte reflexão: já que o machismo se aprende e a violência é muitas vezes estimulada, como podemos ensinar as pessoas a não serem machistas, nem violentas? O grupo pode pensar em algum produto de comunicação que difunda essas mensagens. Neste Guia existem atividades que discutem gênero a partir da realização de produtos de comunicação com jovens. Sugerimos principalmente as atividades 6 e a 10.

Mudando o rumo da história: outras formas de resolver os conflitos



Objetivo

Promover uma reflexão sobre outras formas de resolver os conflitos (baseadas no diálogo e no respeito às diferenças), a partir de esquetes teatrais feitos pelos/as jovens sobre situações de conflito e/ou preconceito de gênero.



Tempo estimado

1 hora (para dois grupos de 4 a 6 pessoas)



Materiais

- Papel sulfite
- Caneta



Descrição da atividade

Divida a turma em grupos menores (entre 4 e 6 pessoas) e distribua para cada grupo uma das situações apresentadas a seguir.



Dica

Se quiser, você poderá também criar situações com os/as próprios/as jovens. Nesse caso, reserve um tempo maior para realizar a atividade.

A) NO BAR

Situação: Dois jovens homens jogam sinuca no bar. Um deles fica irritado porque está perdendo e parte pra cima do outro. O/a dono/a do bar fica em dúvida se deve ou não chamar a polícia para resolver essa situação. Vizinhos também se intrometem na briga. Façam a representação desta situação.

Personagens: Jovem 1, jovem 2, vizinhos, policial e dono/a do bar.

B) NA ESCOLA

Situação: A mãe de um aluno vai até a escola contar para a diretora que viu um dos professores de mãos dadas com outro homem na rua. A mãe alega que isso pode influenciar negativamente a educação do seu filho, uma vez que ele pode querer ser homossexual. O pai também comparece na escola para acompanhar a conversa. Representem este momento da conversa com a diretora.

Personagens: Mãe, professor, diretor a e pai.

C) NA RUA

Situação: Garota passa na rua e recebe uma cantada. Só que o namorado dela estava junto e vai "tirar satisfação" com o cara que deu a cantada. Além deste casal de namorados, havia outro casal de amigos que os acompanhava. Como foi essa cena?

Personagens: Garota, namorado, jovem que passa a cantada, amiga e amigo (o outro casal).

D) EM CASA

Situação: Em determinada noite em uma rua calma, sem saída, com três casas, vizinhos acordam assustados de madrugada, pois escutam gritos de uma mulher em uma das casas. Tudo leva a crer que o marido está espancando a mulher. As luzes das casas próximas se acendem e os vizinhos saem na rua. O barulho continua e os gritos da mulher não param. Um dos vizinhos quer ir lá bater no cara, o outro diz que em briga de marido e mulher ninguém mete a colher. E agora, o que fazer?

Personagens: Mulher, marido da mulher, vizinho casa 1 e vizinho casa 2.

E) NA PRAÇA

Situação: Uma jovem deseja treinar futebol com as amigas no campinho em frente à sua casa. Mas sua mãe diz que ficar na rua é coisa de homem porque mulher pode “ficar falada” no bairro. O namorado dessa jovem também é contra porque acha que o futebol deixa a mulher “muito masculina”. Apesar de não incentivarem o esporte, não proíbem a jovem de treinar. A jovem, por sua vez, gosta muito de futebol, mas também tem medo de decepcionar sua mãe e do namorado parar de gostar dela. O que a jovem faz?

Personagens: Jovem, mãe, namorado, amiga jogadora 1 e amiga jogadora 2.

Em seguida, peça para que cada grupo elabore e apresente um esquete da situação, que deve durar não mais do que cinco minutos, com os/as personagens descritos/as. Cabe salientar aos/as jovens que a cena deve ser elaborada e paralisada no auge do conflito, ou seja, sem o desfecho da história, pois este será pensado pela plateia (os outros grupos).

O/a educador/a deve fazer perguntas provocativas para influenciar a plateia a pensar em finais que sejam baseados no diálogo e no respeito. Essas perguntas podem ser: o que cada personagem está sentindo ou pensando? De que forma um conflito como esse é geralmente resolvido? É legal ele ser resolvido assim ou ele poderia ter outro desfecho? Alguém tem alguma pergunta a fazer para a personagem? É possível haver diálogo, nesse caso? Quem deve tomar a iniciativa? Alguém nessa cena pode ser o mediador da situação?

Lembre os jovens de que é possível pensar em outras soluções para a cena, levando em conta os papéis dos/as personagens na história. Note, por exemplo, que na maioria das situações existe algum personagem mais neutro, ou seja, que não está diretamente envolvido na situação (como um amigo ou o dono do bar). Esses personagens podem se aliar a outra/o personagem, como também exercerem o papel de mediadores dos conflitos.

Questione quaisquer desfechos que apresentem violência ou falas preconceituosas. Abaixo, apresentamos mais algumas sugestões de questões que podem ser feitas para influenciar a reflexão dos/as alunos/as sobre cada uma das situações e como elas podem ter outro desfecho.

A) NO BAR

- **O que fez o homem querer brigar com o outro?**
- **Você acha que brigar com alguém é uma forma legítima de buscar conquistar o respeito dos outros?**
- **Nessa situação, o que a polícia pode fazer? Ela é realmente necessária ou outra pessoa pode ajudar a mediar a situação? O/a dono/a do bar conseguiria mediar sozinho/a esta situação? De que forma?**
- **Como o policial deve agir nesse caso?**
- **Como os vizinhos devem interferir nesse tipo de situação? E o homem que iria apagar, como ele deveria reagir: bater de volta ou tentar conversar?**

B) NA ESCOLA

- Por que você acha que a mãe ficou preocupada?
- Você acha que a mãe é preconceituosa?
- Você acha que um professor gay influencia os alunos a serem gays também?
- O que a diretora deveria fazer neste caso?
- Ao perceber o preconceito da mãe, como o professor deveria reagir?
- Qual foi a posição do pai nessa história? Ele concordou com a opinião da mãe?

C) NA RUA

- O cara que cantou a garota é folgado? Por que ele “xaveca” as meninas que passam na rua?
- Você acha normal o namorado ir tirar satisfação com o “cara xavequeiro”?
- Você acha que ele foi tirar satisfação por amor, ciúme ou porque acha que a garota é sua propriedade?
- O que o casal de amigos achou da situação? De que forma eles se posicionaram nessa história?

D) EM CASA

- Você acha que o vizinho deve interferir?
- Você concorda com a frase “em briga de marido e mulher não se mete a colher”?
- Você acha que a mulher pode estar “merecendo apanhar” porque pode ter feito alguma coisa errada?
- Como você resolveria esse caso?
- Você conversaria com a mulher? Caso conversasse, o que recomendaria a ela? O que ela deveria procurar primeiro: o posto de saúde, a assistência social, ou a delegacia da mulher?
- Você conversaria com o marido agressor? Caso conversasse, o que recomendaria a ele?
- Você pediria a ajuda de alguém para resolver essa situação? De quem?

E) NA PRAÇA

- Você acha que a mãe está fazendo isso porque quer proteger a jovem? A mãe quer proteger a jovem do que, exatamente?
- Você concorda com o namorado da jovem de que o futebol deixa a mulher masculina?
- O que é uma mulher masculina?
- Você acha importante que a jovem respeite os próprios desejos mesmo que isso decepcione sua família?
- Como eles podem resolver essa situação sem que a família fique magoada demais?



Fotos da aplicação desta atividade na EMEF Padre José Pegoraro, no Grajaú.

Qual é a sua? Elaborando um fanzine pelo respeito à diversidade



Objetivo

Construir, junto com os/as jovens, um fanzine (jornal alternativo, muito utilizado pelos jovens) com o tema "respeito à diversidade".



Tempo estimado

5 horas (a atividade pode ser fragmentada em vários encontros)



Materiais

- Folhas de sulfite
- Revistas e jornais diversificados
- Máquina fotográfica
- Computador com acesso à Internet
- Impressora/ máquina de xerox
- Gravador
- Caneta
- Cola
- Tesoura
- DVD e televisão



Descrição da atividade

Esta atividade consiste na produção de um fanzine pelos/as próprios/as jovens. Aqui sugerimos algumas seções que o fanzine deve ter, bem como dinâmicas para cada uma delas, com o objetivo de contribuir para que os/as jovens trabalhem o tema do respeito à diversidade.



Dica

Em vez de fazer um fanzine, você pode construir com os/as jovens um blog. Neste suporte existe a possibilidade de continuar estimulando os/as jovens a irem produzindo e assim atualizando o conteúdo do blog com outras produções. O blog pode concentrar as mesmas produções e reflexões sugeridas aqui para a confecção do fanzine.

É interessante que a atividade de produção do fanzine aconteça quando o grupo já tiver participado de outras atividades sobre gênero, assim estarão mais familiarizados com o tema. Depois de muitas reflexões, eles já devem ter percebido a importância do respeito à diversidade, mas vale a pena retomar esse assunto com o grupo, realizando a dinâmica do "jogo dos opostos".

Para esta dinâmica é importante que o local tenha espaço para que o grupo se movimente, pois as pessoas irão se mover para se posicionarem a favor (direita) ou contra (esquerda), de acordo com as perguntas que serão feitas por você. Para que a atividade não fique muito longa, faça no máximo dez perguntas.



Atenção!

Você pode fazer perguntas aleatórias, pois o importante da atividade não é trabalhar questões sobre a temática de gênero, mas sim fazer com que todos percebam que possuem ideias diferentes e que não existe uma pessoa igual à outra.

Abaixo sugerimos algumas perguntas que podem ser feitas ao grupo:

- **Quem tem namorado ou namorada?**
- **Quem beija bem?**
- **Quem vai à igreja sempre?**
- **Quem tem um amigo gay?**
- **Quem acha que a violência é justificável em alguns casos?**
- **Quem já bateu em alguém menor do que você? Quem já bateu em alguém maior?**
- **Quem já teve muita vontade mas não bateu?**
- **Quem acha que a escola é um saco?**
- **Quem acha que cabe à mulher tomar providência para não engravidar?**
- **Quem acha que mulher tem que ser virgem até o casamento?**
- **Quem acha que têm profissões que envolvem risco ou força e por isso só devem ser ocupadas por homens?**
- **Quem acha que deve tomar atitude para defender a irmã ou namorada?**
- **Quem acha que se uma pessoa passar a mão propositalmente na bunda de uma menina na balada o seu namorado deve bater?**
- **Quem acha importante se vestir bem?**
- **Quem já teve preconceito com alguém que estava mal vestido?**
- **Quem quer ter uma moto?**
- **Quem costuma fazer trabalhos domésticos?**
- **Quem se acha bonito?**
- **Quem assiste TV todos os dias?**



Fechando a atividade...

Depois disso, converse com os/as alunos/as sobre o fato de que possuímos opiniões próprias que podem ou não ser iguais às dos nossos amigos e familiares. Afinal, nossa identidade é composta de múltiplas referências, sendo que nenhuma pessoa é igual à outra. É importante salientar que estamos em constante reconstrução, as nossas opiniões se modificam ao longo da vida.

Feita esta primeira sensibilização sobre o tema, a turma deverá ser dividida em subgrupos responsáveis pela produção de cada parte do fanzine, de acordo com as habilidades de cada um. Sugerimos as seguintes seções: a) entrevista; b) enquete; c) fotos; d) colagem; e) "ponto de vista". Além dessas seções, você pode, com os/as alunos/as, criar e incrementar o fanzine com outras, como poesia, conto, crônica, história em quadrinho, charges, matérias, etc. Tente identificar quais são os pontos fortes dos participantes e decida com eles o conteúdo.



Atenção!

A ideia é que os grupos trabalhem simultaneamente. Você deve adequar o tempo de trabalho de acordo com o número de horas/encontros disponíveis. O fanzine pode ser realizado em uma tarde de trabalho inteira, ou também pode ter sua produção fragmentada em vários encontros.

A seguir, são apresentadas as atividades pensadas para cada seção.

A) ENTREVISTA

Nesta seção, os alunos podem entrevistar pessoas da instituição, da escola ou da comunidade, que deem sua opinião sobre temas como relacionamento, família, sexualidade, etc. As entrevistas e respostas mais interessantes podem ser publicadas no fanzine.

Para fazer esta seção, o grupo deve definir algumas perguntas (sugerimos uma média de cinco perguntas, além das triviais como nome, idade, estado civil e profissão). A ideia é que as perguntas permitam evidenciar como os/as entrevistados/as se relacionam com pessoas diferentes. Sugerimos algumas questões que podem ajudá-lo/a a criar as perguntas com os/as jovens:

- **Quem você acha que é a pessoa mais diferente de você? Por quê?**
- **Como você se relaciona com pessoas diferentes de você?**
- **Para você, o que é uma pessoa normal?**
- **Você se acha normal?**
- **Para você, é importante fazer parte de uma "tribo"? Você tem alguma? Se sim, as pessoas dessa "tribo" têm interesses parecidos?**
- **Tem algum tipo de pessoa que você acha estranho?**
- **Tem algum tipo de pessoa da qual você nunca seria amigo? Por quê?**
- **Você já foi vítima de preconceito? Como?**
- **Por que você acha que as pessoas "zoam" as outras?**
- **Você já foi "zoadado"? Por que você acha que isso aconteceu?**

Depois peça para que o grupo faça uma tabela (como o exemplo a seguir), que reunirá todas as respostas.

Nome	Idade	Estado civil	Profissão	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5

Na versão final do trabalho, peça para que os/as alunos/as escolham as entrevistas mais interessantes e apresentem-nas de forma comparativa.

Oriente os/as alunos/as a pedir autorização aos/as entrevistados/as para tirar fotos. Recomende também que as fotos sejam colocadas ao lado das respostas registradas, como é feito em jornais e revistas.

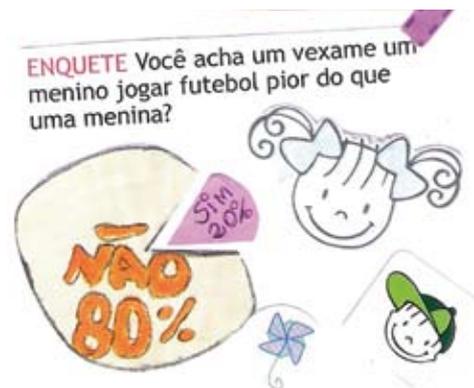


Atenção!

Apesar de ouvir e respeitar opiniões diferentes nas entrevistas, questione falas machistas ou preconceituosas. Converse com os/as alunos/as sobre o que foi dito nas entrevistas.

B) ENQUETE

Nesta seção, os alunos podem criar uma pergunta e coletar respostas junto às pessoas da instituição, escola ou da comunidade. Os/as jovens podem perguntar pessoalmente às pessoas ou realizar uma votação utilizando cédulas de papel. Ao final, o grupo deve construir um gráfico com as respostas coletadas. No fanzine, a pergunta pode ser exposta junto com um gráfico com as porcentagens de cada resposta. Veja o exemplo ao lado construído pelos alunos da EMEF Pe. José Pegoraro (Grajaú).



Considerando o tema da diversidade de gênero, oriente os/as alunos/as a construírem uma questão e algumas alternativas para ela, como sugerido nos exemplos apresentados a seguir.

Você teria um/a amigo/a homossexual?

Sim ()

Não ()

O que você acha de um cara que usa camisa rosa pink?

() Bonito

() Interessante

() Esquisito

() Ele é gay com certeza



Dica

Outra sugestão de atividade semelhante é a elaboração de um teste, como aqueles de revistas voltadas ao público adolescente. O grupo pode fazer, por exemplo, um teste com o título: "Você é preconceituoso/a?". Neste caso, os/as jovens devem indicar algumas perguntas com respostas de múltipla escolha. Geralmente são apresentadas 4 ou 5 alternativas para cada questão. Veja um exemplo de teste na página 8 do fanzine Ponto G, disponível para download em:

<http://www.soudapaz.org/Portals/0/Downloads/zine_pontoG.pdf>.

C) FOTOS

Nesta seção, podem ser publicadas fotos de homens e mulheres em situações pouco comuns, com legendas que analisem a imagem.

Peça aos/às jovens que retratem, por meio de uma câmera fotográfica, homens e mulheres em situações consideradas pelo grupo "incomuns", como, por exemplo, uma mulher motorista de ônibus, uma jovem soltando pipa, uma mulher andando de moto, um homem dançando, um jovem brincando de boneca, etc.

Em seguida, todos devem escolher as melhores fotos e criar legendas que analisem a imagem, como o exemplo ao lado da atividade realizada no Centro de Juventude Helena Portugal Albuquerque, no Jaçanã.



É bem estranho porque não é normal ver dois homens se tratarem desse modo.
Wellison Santos, 15 anos.

D) COLAGEM

Nesta seção, podem ser utilizadas imagens e notícias sobre o tema “discriminação de gênero” selecionadas pelos/as alunos/as, bem como outras imagens (palavras e fotos) que sejam relacionadas à temática de gênero.

Distribua diversas revistas e jornais. Se puder disponibilize também um computador com acesso à internet para que os/as jovens possam procurar matérias disponíveis na rede. Peça para que o grupo selecione imagens e notícias

A ideia é que os/as alunos/as consigam relacionar as reflexões que acontecem em sala de aula com as notícias que os cercam, como os casos atuais (e polêmicos) da estudante Geysa Arruda da Uniban, do goleiro Bruno do Flamengo, do cartunista Laerte, além de outros, tais como situações de discriminação contra homossexuais e de violência contra a mulher.

Como referência, veja a produção dos/as alunos/as da EMEF Pe. José Pegoraro:



E) PONTO DE VISTA

Nesta seção, a partir de uma notícia polêmica relacionada à diversidade de gênero, os alunos podem produzir textos e desenhos expondo suas opiniões sobre o fato noticiado.

Peça para que os/as alunos/as escolham uma notícia veiculada recentemente que tenha relação com a temática “respeito à diversidade de gênero” e, a partir disso, proponha que o grupo produza textos e desenhos. Leve referências de notícias e editoriais atuais que possam servir como base para o grupo elaborar seus próprios textos.

Depois o grupo precisará escolher trechos interessantes de cada texto e reunir as opiniões, de forma que elas se complementem. Na finalização da produção, peça para que os/as alunos/as coloquem um resumo da notícia ou do fato e os pontos de vista dos/as alunos/as.

O grupo também pode construir um texto coletivo com base nas discussões que saírem a respeito da notícia escolhida.



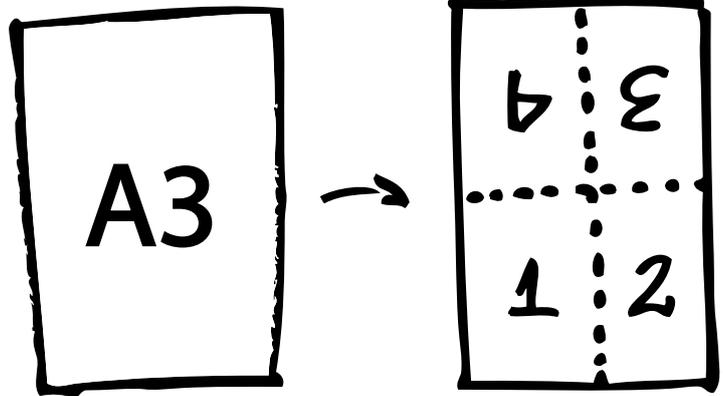
Chegou a hora de finalizar o material!

Todos os conteúdos produzidos deverão ser reunidos e diagramados para a confecção do fanzine, que pode ser feito de forma bem artesanal, a partir de colagens de recortes, ou utilizando programas de computador (caso opte por isso, conte com a ajuda de alguém que já saiba utilizar esses programas). A seguir, apresentam-se as orientações de como produzir um fanzine artesanal.

> PASSO A PASSO

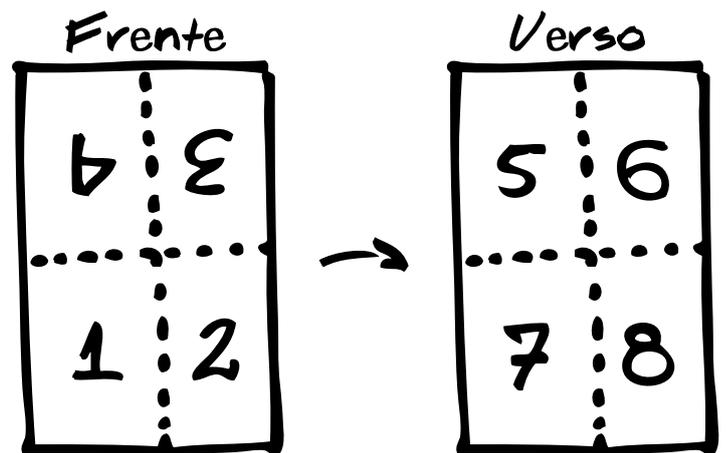
PASSO 1 dobras

Dobre uma folha A3 em quatro partes, conforme a ilustração ao lado.



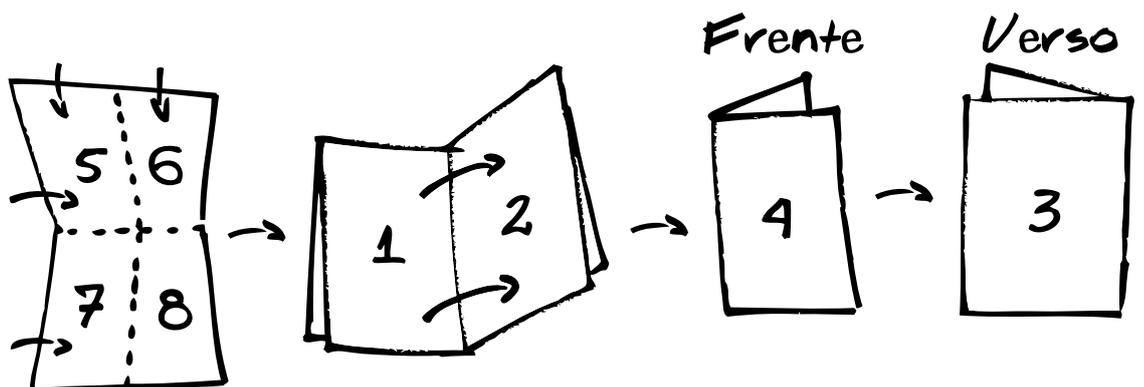
PASSO 2 numeração das folhas

Numere as faces de cada retângulo, considerando a frente e o verso da folha. Ao total, o fanzine deve ter oito páginas numeradas.



PASSO 3 distribuição do conteúdo

Em seguida, selecione e distribua o conteúdo produzido nas páginas do fanzine. Sugerimos:



Página 4 > Capa do fanzine

Dê um nome ao jornalzinho e coloque-o em destaque na capa. Selecione também as imagens que farão parte da primeira página e coloque as indicações das seções que integram o fanzine. Lembre-se de que a capa tem que ficar bacana, pois é o que desperta a curiosidade das pessoas para a leitura do material.

Páginas 1 e 2 > Entrevistas e enquete

Selecione as melhores entrevistas e respostas e apresente-as de forma resumida ao lado das fotos dos entrevistados (somente se as pessoas que autorizaram o uso de imagem). Coloque ainda no canto direito, ao final da página 2, o gráfico originado a partir da enquete.

Páginas 5 e 6 > Fotografias e legendas

Peça para que o grupo selecione cerca de 4 ou 5 fotografias. Imprima-as com um tamanho reduzido e organize-as de forma que caibam em meia folha A3 (lado superior da folha). Não se esqueça de que as legendas devem acompanhar as fotos! Nela, deve conter o nome do aluno que tirou a foto.

Páginas 7 e 8 > Colagem

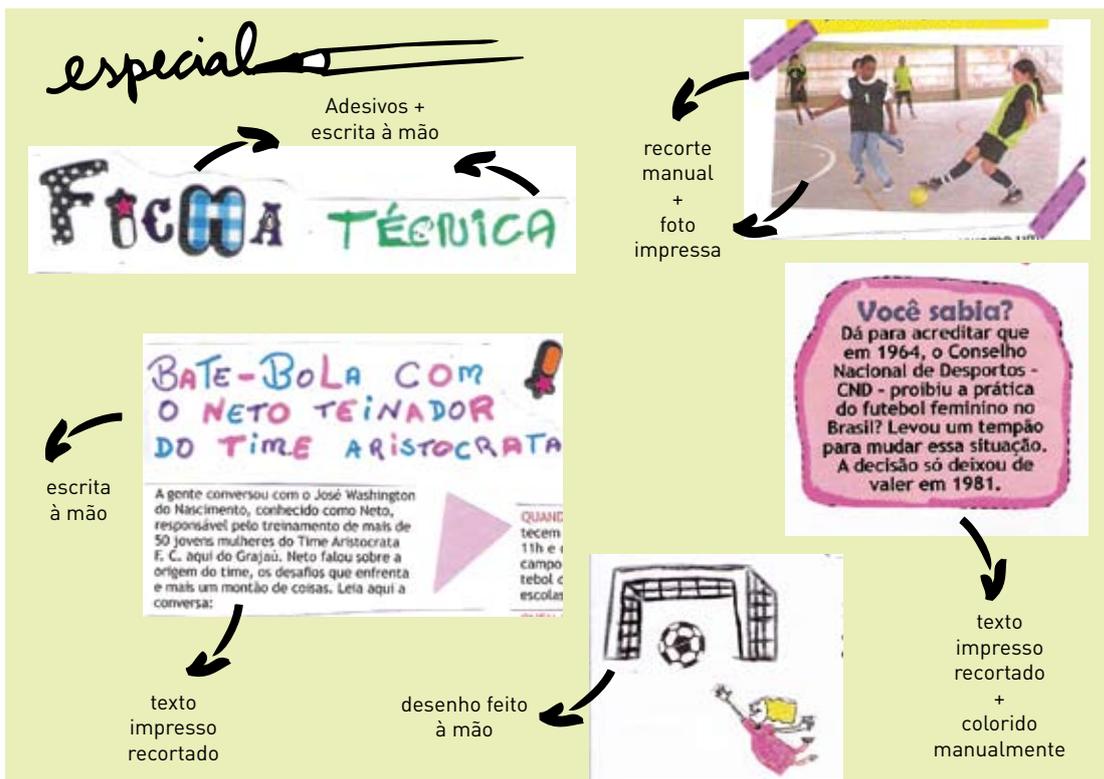
Selecione e faça uma composição com as imagens escolhidas. O espaço não deve ultrapassar meia folha, ou duas faces do fanzine.

Página 3 > Ponto de vista

Esta é a conclusão do fanzine. Deve deixar uma história, uma reflexão sobre um fato atual ou um poema. Se couber, coloque também nesta face os nomes das pessoas que participaram da construção do fanzine.

PASSO 4 produção visual do fanzine

Depois de distribuir o conteúdo, começa a fase de dar um “toque especial” ao fanzine. Utilize ilustrações, adesivos, canetinhas e tudo o mais que possa deixar o seu fanzine lindo. Você pode escrever o conteúdo, ou parte dele à mão. Mas para que a diagramação fique melhor, escreva os textos no Word, recorte-os e cole-os no fanzine.



Fotonovelas sobre maternidade e paternidade na adolescência



Objetivo

Provocar a reflexão sobre a maternidade e paternidade na adolescência, a partir da elaboração de fotonovelas sobre os desafios que jovens homens e mulheres enfrentam quando se tornam pais e mães.



Tempo estimado

3 horas (pode ser realizada em dois encontros)



Materiais

- Televisão
- Aparelho de DVD
- Máquina fotográfica
- Impressora
- Papel sulfite
- Canetas hidrocor
- Papel pardo



Descrição da atividade

Comece a atividade exibindo vídeos sobre a questão da maternidade e paternidade na adolescência e juventude. Indicamos duas produções que exploram aspectos interessantes sobre o assunto:

A) Meninas, da diretora Sandra Werneck, de 2005 – um documentário que acompanhou o cotidiano de três adolescentes grávidas ao longo de um ano.

B) Com a voz o jovem pai!, da série Cavalo Marinho, realizada pelo Instituto Papai – um episódio que traz relatos de pais jovens sobre como vivenciam a paternidade.

Para que a atividade não fique muito longa, você pode selecionar alguns trechos dos filmes que deem conta de discutir a questão da maternidade e paternidade na adolescência e juventude. Selecione trechos que tratem da participação ou ausência do parceiro no cuidado com o/a filho/a, por exemplo.

Após a exibição dos filmes, estimule uma discussão sobre o que o grupo assistiu. A seguir, apresentam-se alguns pontos podem ser explorados na discussão.

- A gravidez na adolescência não é um “problema” e nem sempre acontece de forma acidental, afinal, pode ser uma decisão consciente e desejada pelo casal. Contudo, gerar um filho é uma decisão que envolve responsabilidades e deve ser compartilhada entre o casal (não é apenas a vontade da mulher, ou do homem, que deve prevalecer).
- Desnaturalize a ideia de que as mulheres são as mais responsáveis pelo plano afetivo, enquanto os pais pelo plano financeiro e econômico na educação dos/as filhos/as. Essas concepções contribuem para perpetuar a desigualdade entre homens e mulheres.

- Nem todo pai é ausente ou irresponsável. Muitos desejam e participam ativamente da educação do/a filho/a.
- O cuidado deve ser visto como uma habilidade que se aprende ao longo da vida e não como uma característica que faz parte da "natureza feminina". O homem também pode aprender a ser "cuidador".

Depois de discutir esses pontos com os/as alunos/as, divida a turma em subgrupos com pelo menos cinco integrantes cada e peça para que criem histórias sobre a maternidade e a paternidade na adolescência e juventude. Eles podem explorar, por exemplo, situações que as mães e os pais jovens enfrentam quando são responsáveis pelo cuidado de uma criança, como a troca de fraldas, levar para passear, dar mamadeira, ensinar a andar, etc. Peça aos/as alunos/as que utilizem referências dos filmes exibidos para elaborar as histórias.

As histórias servirão como base para a criação das fotonovelas. Portanto, os grupos precisam pensar nos personagens, nos diálogos e nas cenas. Devem fazer um esboço da história numa folha sulfite, tentando criar as cenas e anotando os diálogos e a disposição dos/das personagens. Para facilitar, peça para que os grupos dividam a história em partes, como em uma sequência de quadrinhos. A história deve ser contada em, no máximo, quinze quadrinhos para que não fique muito longa.

Depois disso, leia as histórias e faça as orientações necessárias para ajustar o conteúdo produzido, como, por exemplo, a revisão ortográfica. Em seguida, peça para que os/as alunos/as reproduzam a cena imaginada em cada quadrinho, através de fotos produzidas. Os/As personagens das histórias deverão ser representados/as pelos/as próprios/as alunos/as e o cenário deve utilizar o que está disponível na instituição.

Assim que todas as fotos estiverem prontas, você deve imprimi-las e entregá-las aos/as jovens para que construam os balões com as falas/pensamentos dos/as personagens. O grupo pode digitar as falas e colar nos balões, ou escrevê-las à mão.

Ao final, o grupo deve organizar as fotos na sequência correta e fixá-las em um mural/cartaz, junto com um título para a história.



Dica

Você pode utilizar a fotonovela como um suporte de comunicação para desenvolver outros temas. O resultado fica muito interessante e os jovens costumam gostar bastante de fazer a atividade.

Veja a seguir um exemplo de fotonovela produzida pelos jovens do Centro de Juventude Helena Portugal Albuquerque. Educadora responsável pela condução e finalização do material, Fernanda de Oliveira.



Débora Santos e Wellington Sebastião em:
Eu, ele e o amor.

convidados especiais:
Leticia Silva e Matheus Correia.



Tudo beleza!!!

Oi, tudo bom?



Nossa!!!
Aquele gato tá olhando pra você!



Olha aquela princesinha.



Beleza!
Eu sou a Rafaeta.

E aí?
Eu sou Danilo. E você?



Olha o cara, tem atitude. Se deu bem! hihihihii



Vish!
O que vou fazer? Estou grávida!



Não acredito, vou ter um filho?

É. Vamos ter um bebezinho. Tô nervosa...



Amiga não sei o que fazer, eu não trabalho!!!



Bom, eu e ele que fizemos, agora vamos até o fim.



Não é fácil, princesa. mas estou com você!



FIM.



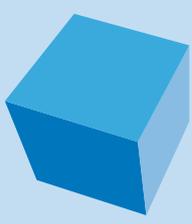
Referências

Referências complementares

Sites recomendados



- Instituto Sou da Paz (www.soudapaz.org)
- Unifem (www.unifem.org.br)
- Secretaria Especial de Políticas das Mulheres (www.sepm.gov.br)
- Conselho Estadual da Condição Feminina de SP (www.condicaofeminina.sp.gov.br)
- Coordenadoria da Mulher da cidade de São Paulo (http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/participacao_parceria/coordenadorias/mulher/)
- Marcha Mundial de Mulheres (www.sof.org.br/marcha)
- União Brasileira de Mulheres (www.ubmulheres.org.br)
- Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual do Estado de São Paulo – Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania (www.justica.sp.gov.br)
- Secretaria da Identidade e Diversidade – Ministério da Cultura (www.cultura.gov.br)
- Laço Branco (www.lacobranco.org.br)
- Promundo (www.promundo.org.br)
- Instituto Papai (www.papai.org.br)
- Patrícia Galvão (www.agenciapatriciagalvao.org.br)
- Ecos (www.ecos.org.br)
- Cipó (www.cipo.org.br)
- Hip Hop Mulher (<http://hiphopmulher.ning.com>)
- Quebre o ciclo pelo Fim da Violência contra a Mulher (www.quebreociclo.com.br)
- Defensoria Pública do Estado de São Paulo (www.defensoria.sp.gov.br)
- Pró-Mulher (www.promulher.org)
- Coletivo Feminista (<http://coletivofeminista.blogspot.com>)
- União de Mulheres (www.uniaodemulheres.org.br)
- Fala Preta (www.falapreta.org.br)
- Geledés (www.geledes.org.br)
- Universidade Livre Feminista (www.feminismo.org.br)
- Campanha dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres (www.campanha16dias.org.br)
- Fundação Perseu Abramo (www.fpabramo.org.br)
- Instituto Avon (www.institutoavon.org.br)
- Cfemea (www.cfemea.org.br)



Referências complementares

Materiais audiovisuais

- *Deixa que eu chuto* (documentário da GNT), de Alfredo Alves, 2009.
- *Vida Maria*, de Márcio Ramos, 2004.
Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=bXZr-4m-3sY>>.
- *Má educação*, de Pedro Almodóvar, 2004.
- *Milk*, de Gus Van Sant, 2008.
- *Colcha de retalhos (How to make an american quilt)*, de Jocelyn Moorhouse, 1995.
- *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim, 2006.
- *Meninas*, de Sandra Werneck, 2006.
- *Mulheres perfeitas (Stepford wives)*, de Frank Oz, 2004.
- *As horas*, de Stephen Daldry, 2002.
- *Confissões de adolescente* (seriado), de Daniel Filho, 1994.
- *Antonia*, de Tata Amaral, 2004.
- *Cidade dos homens*, de Paulo Morelli, 2007.
- *Transamérica*, de Duncan Tucker, 2005.
- *Nem gravata nem honra*, de Marcelo Masagão, 2002.
- *Minha vida em cor de rosa*, Alain Berliner, 1997.

Vídeos educativos

- *Fale sem medo: não à violência doméstica*, do Instituto Avon.
- *X- Salada pão com ovo*, ECOS – Comunicação em Sexualidade.
- *Minha vida de João*, Instituto Promundo.
- *Pulando o muro*, de Reginaldo Bianco, 2009.
- *Medo de que?* Instituto Promundo.
- Vídeos do Programa Café Filosófico (CPFL Cultura) sobre relações de gênero, com Contardo Calligaris, Maria Rita Kehl, Sérgio Carrara, Anna Verônica Mautner, entre outros. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/site/category/serie/crise-do-macho-a-crise-atual-e-uma-crise-da-forma-masculina-de-relacionamento-com-o-mundo/>>.

Referências complementares

Manuais educativos



ARRUDA, Silvani; UNBEHAUM, Sandra. *Mulheres e cidadania ativa: construindo políticas de igualdade*. Guia de Formação de Gestores e Gestoras. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2005.

_____. *Mulheres e cidadania ativa: construindo políticas de igualdade*. Guia de Formação de Mulheres. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2005.

ECOS; Comunicação em Sexualidade (vários autores). *Caderno da hora*. Masculinidade e violência: o que gênero tem a ver com isso? Violência de gênero: o que pensam os nossos jovens? São Paulo: ECOS, 2005.

ECOS; INSTITUTO PAPAI; WORLD EDUCATION. *Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde*. Manual M. Rio de Janeiro: Promundo, 2008. Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2010/03/trabalhando-com-mulheres-jovens.pdf>>.

INSTITUTO PROMUNDO. *Da violência para a convivência*. Manual H. Volume 2, 2011 (Série Trabalhando com Homens Jovens). Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2010/04/SexualidadeeSaudeRep.pdf>>.

MACHADO, Zaira. *Almanaque da mulher: a incrível jornada*. Brasília: Secretaria Nacional da Mulher Trabalhadora (SNMT), 2009.

MEDRADO, Benedito (Org.). *Homens pelo fim da violência contra a mulher: manual educação para a ação*. Recife: Instituto Papai, Promundo, White Ribbon Campaign, 2007.

RIBAS, Margot. *Educando para a paz na diversidade sexual e igualdade de gênero*. São Paulo: União de Mulheres de São Paulo, 2008.

SILVEIRA, Maria Lúcia da; GODINHO, Tatau (Orgs.). *Educar para a igualdade: gênero e educação escolar*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, Secretaria Municipal de Educação, 2004.

Outros textos que abordam as temáticas do Guia

ABRAMO, Helena. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Brasília: Unesco, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. *Lei Maria da Penha*, n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. *Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT*. Brasília: SEDH, 2009.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Enfrentando a violência contra a mulher*. Brasília: SEPM, 2005. Disponível em: <http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/publicacoes/manual_enfrentando_violencia.pdf>.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.



- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CECCHETTO, F. *Violência e estilos de masculinidades*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *Participando do debate sobre mulher e violência*. Perspectivas Antropológicas da Mulher: sobre mulher e violência. Vol.4. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- GREGORI, M. S. *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo: Paz e Terra Anpocs, 1993.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman; ZUZZI, Renata Pascoti (Orgs.). *Meninos e meninas na educação física: gênero e corporeidade no século XXI*. Jundiaí-SP: Fontoura, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- MADIREIRA, Ana Flávia do Amaral. *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Tese (Doutorado). Brasília: UNB, 2007. Disponível em: http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/1610/1/Tese_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf.
- PAPA, Fernanda de Carvalho. *Forito: jovens feministas presentes*. São Paulo: Ação Educativa; Fundação Friedrich Ebert; Brasília: Unifem, 2009.
- PORTELLA, Ana Paula. *Homens: sexualidades, direitos e construção da pessoa*. Recife: SOS Corpo – Gênero e Cidadania; Instituto Papai, 2004.
- SAFIOTTI, H. Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SANTOS, Cecília MacDowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. *Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil*. Disponível em: <http://www.fag.edu.br/professores/gspreussler/Direitos%20Humanos/Viol%EAnncia%20de%20G%EAnero.pdf>.
- SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Cadernos SECAD. Brasília: Secad/MEC, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escola_protege/caderno5.pdf.
- SENTO-SÉ, João. (Org.). *Segurança pública – Outros olhares, novas possibilidades*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2009.
- SOU DA PAZ. *Projeto Juventude, Gênero e Espaço Público*. São Paulo: Sou da Paz, 2007. Disponível em: <http://soudapaz.org/Portals/0/Downloads/genero.pdf>.
- STREY, Marlene Neves et al. *Violência, gênero e políticas públicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- TEIXEIRA, Marina Sidrim; MOORE, Fanny Elisabete. *A mulher e o esporte: a experiência dos municípios do Rio de Janeiro e de São Paulo*. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2008 (Relatório final/pesquisa).
- UNIÃO DE MULHERES DE SÃO PAULO (vários autores). *Violência contra a mulher e impunidade: uma questão política*. São Paulo, União de Mulheres, 2007.
- UNIFEM. *O progresso das mulheres no Brasil Brasília*: Unifem, 2006. Disponível em: www.mulheresnobre.org.br.